

A ética cristã no Novo Testamento
Ideologia e afetividade na relação
professor-aluno

Carne de rato é alimento

Capitalistas defendem a ética

Ética e vida social contemporânea

O Reino é dos excluídos

Como (não) educar um assassino
dentro de casa

Em defesa da cidadania

De repente, ao entardecer

A vida contemplativa

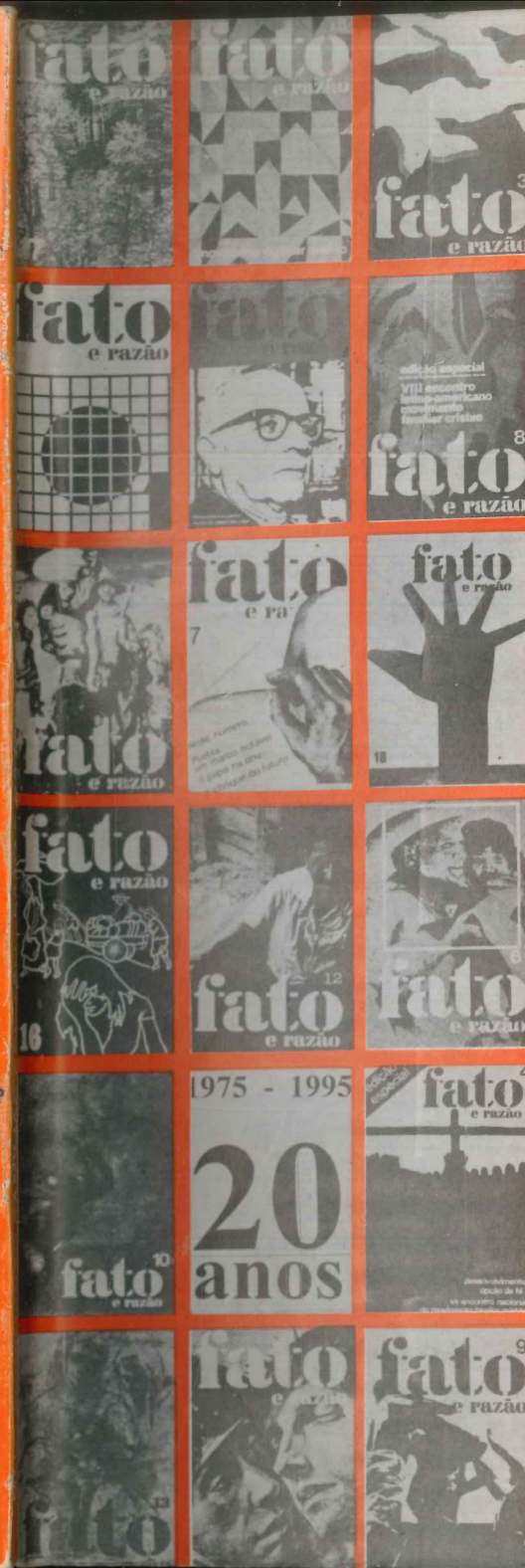
Pobreza e indignância

fato
e razão

Classe média e
opção pelos pobres

Ética e moral

A família e a
crise de modelos



Recado ao leitor

Com este número, caro leitor, a sua revista completa 20 anos, no mesmo ano em que o MFC celebra 40 anos no Brasil e 45 na América Latina. Há, portanto, motivos de sobra para festejarmos.

Neste número, destacamos a questão do lugar que cabe às classes médias numa Igreja que faz e reafirma sua opção pelos pobres.

Há cristãos acomodados e cristãos inquietos nessas classes que não passam fome e conseguem ter atendidas as suas necessidades básicas.

Como inquietar os acomodados e o que podem fazer os inquietos diante da pobreza, da miséria e da fome - eis do que tratam as matérias centrais deste número.

Além disso, seguimos com os desdobramentos dos temas dos dois últimos números, dedicados à família e à ética.

Esperamos que a leitura da sua revista lhe seja agradável e ... inquietante, leitor amigo.

S. & H.A.

MFC

BRASIL

1955 - 1995

40

ANOS

Edição Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

José e Ione Assis
Arthur e Elza Diniz
Antonio e Sebastiana Leão
Mário e Ilma Silva
Margarida Rego
Carlos e Maria Nilza Mendes
Antonio e Marcolina Sanitá
Helio e Clara Lucia Martins
Newton e Lenir Pedroso
Lorici e Ermelinda Probst

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF - Instituto Brasileiro da Família



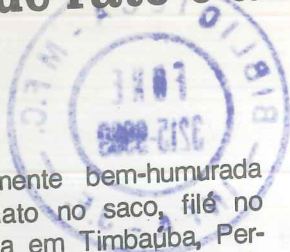
fato
e razão

26

Sumário

Carne de rato é alimento	2
Ética e moral.	5
Capitalistas defendem a ética.	8
Ética e vida social contemporânea	10
A ética cristã no Novo Testamento	14
O custo social dos fumantes	19
Pobreza e indigência	20
Em defesa da cidadania	22
Uma classe média inquieta	27
Classe média e opção pelos pobres	32
Como (não) educar um assassino	42
O Reino é dos excluídos	44
Famílias: poderia ser diferente?	49
A vida contemplativa	57
De repente, ao entardecer	62
Ideologia e afetividade na relação professor-aluno	69
A família e a crise de modelos	72
A espiral da violência	76
Guia de discurso	78
David contra Golias	80

Carne de rato é alimento



A inicialmente bem-humorada campanha "Rato no saco, filé no prato", lançada em Timbaúba, Pernambuco, para combater a infestação da cidade por ratos, acabou revelando o meio alternativo e repugnante de se matar a fome no lado mais miserável do município: churrasco de rato. Neste fim de semana, centenas de moradores empreenderam verdadeiras caçadas para trocar um quilo de ratos – vivos ou mortos – por igual quantidade de carne de

A campanha

Entusiasmado com a campanha "Rato no saco, filé no prato", o mecânico José Genaro da Silva entregou sábado de manhã 22 roedores à Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Timbaúba.

— Até segunda-feira vou trazer mais uns 60, completar uns dez quilos de ratos e fazer um grande churrasco com a carne que vou ganhar — disse ele.

A coleta de ratos em troca de carne de primeira termina hoje. Até a tarde de sábado meia tonelada de carne de vaca estava reservada para a troca por ratos. Quem capturasse o maior roedor ganharia, além da carne, um prêmio-surpresa. Até a noite de sábado o maior rato capturado pesava 600 gramas.

Letícia Lins
Jornalista

vaca de primeira. Enquanto isso, na periferia desta cidade pernambucana, a 117 quilômetros de Recife, "O Globo" constatou que, por absoluta falta de informação, os animais eram capturados do lixo e dos esgotos e devorados inteiros por famílias famintas.

Para essas pessoas, que não chegaram a tomar conhecimento da campanha porque não têm rádio nem TV e vivem marginalizadas, carne de rato é um alimento comum, muitas vezes o único. Elas comem os ratos insossos, porque não há dinheiro sequer para comprar sal. Na localidade de Sapucaia, a três quilômetros do centro de Timbaúba, Damião José da Silva, de 30 anos, e Edileusa Félix da Silva, de 24, há dez anos não comem carne de vaca. Os dois vivem da venda de papel e plástico recolhidos no lixão de Sapucaia. Nenhum dos dois sabia da campanha "Rato no saco, filé no prato".

Anteontem, em meio ao mau cheiro e aos mosquitos que, como eles, sobrevivem dos restos de lixo, Damião e Edileusa comeram ratos e batatas-doces que tinham sido jogadas fora. Depois de cozinharem as batatas, aproveitaram o calor do braseiro para queimar os pelos dos ratos, a primeira etapa para servi-los.

— Depois de queimar os pelos, a gente raspa tudo com a faca e bota no braseiro de novo. Quando ele



Pais de quatro crianças, Edileusa Félix da Silva, de 24 anos, e Damião José da Silva, de 30, matam a fome comendo ratos capturados no lixão de Timbaúba, em Pernambuco. Por total falta de informação, permanecem alheios à campanha — que termina hoje — lançada na cidade para combater a proliferação de roedores e que permitia a troca de um quilo de ratos por igual quantidade de carne de primeira.
(Foto de Luiz Morier)

começa a ficar durinho a gente tira do fogo, abre a barriga e retira o fato (as tripas). Depois bota na brasa de novo e deixa tostar para comer assim mesmo, insosso. Se tivesse sal, ficava mais gostoso — contou Edileusa, com chocante naturalidade.

Indagada sobre o gosto da carne, ela respondeu:

— Que gosto tem? De rato mesmo! Ninguém aqui conhece outro bicho que tenha gosto.

Ao lado dela, outro catador de lixo, Jorge Félix da Silva, de 23 anos, também deu sua opinião sobre o sabor do rato:

— Acho que rato é melhor que carne de boi porque faz uma porrada de tempo que não como outra carne. Não me lembro nem do gosto.

Os quatro filhos de Damião e Edileusa — Edilene, de 6 anos, Edi-

lane, de 3, Diógenes, de 2, e Diogo, de 8 meses — iam passar o dia de sábado a água e rato. Os pais recebem de R\$ 0,25 a R\$ 0,60 por cada quilo de papel e plástico recolhido do lixo.

Betinho pede ação para evitar que se coma rato

O coordenador do programa Ação pela Cidadania contra a Miséria e a Fome, Herbert de Souza, o Betinho, pediu uma ação urgente do Governo e da sociedade contra a fome que está levando famílias de Timbaúba (PE) a comerem ratos, como mostrou reportagem publicada pelo "Globo".

— De que adianta a nossa consciência para essas pessoas que es-

De que adianta a nossa consciência, por que o susto e o espanto, se não fazemos nada?

tão comendo ratos? Por que o susto e o espanto se não se faz nada? Uma denúncia como essa precisa ser acompanhada de uma ação do poder público e da sociedade. Os escândalos que estamos presenciando são no presente e as ações precisam ser imediatas. É um caso de intervenção alimentar – disse Be-tinho.

O ministro da Saúde, Henrique Santillo, afirmou que o fato mostra uma realidade cruel vivida por boa parte dos moradores da periferia das grandes cidades. Preocupado com a possibilidade de as famílias serem contaminadas por doenças transmitidas pelos ratos, o ministro disse:

– É um quadro hediondo e verdadeiro mostrado em fotos. Só espero que eles não peguem peste bubônica.

- O que temos feito ou estamos dispostos a fazer concretamente para diminuir o drama da fome, na nossa cidade?
- A Campanha contra a Miséria e a Fome tem comitês funcionando na nossa cidade? Podemos criar um novo comitê ou apoiar os que existem?
- Como combater, efetivamente, as causas da miséria e da fome? O que depende do governo, e o que depende de cada um de nós?

A fome é imoral.
O desemprego também.
Faça alguma coisa.

Segundo a reportagem, famílias famintas de Timbaúba estão capturando ratos nos lixos e esgotos e devorando-os inteiros. Elas não estavam informadas da campanha “Rato no saco, filé no prato” lançada pelos comerciantes e que prevê a troca de cada quilo de rato por igual quantidade de carne de vaca. Santillo defendeu a execução rápida de um programa de reforma agrária para que as famílias mais carentes possam produzir alimentos para comer.

A denúncia do “Globo” tirou o brilho dos encontros de parlamentares que comemoravam a reeleição no gabinete do presidente da Câmara.

Uma pesquisa que está sendo feita em Olinda mostra que em cada mil crianças nascidas em lixões e favelas da cidade 132 morrem antes de completar 1 ano. A mesma pesquisa mostra que esse número cai para 32 óbitos em cada mil em crianças que moram em áreas pobres, mas distantes dos lixões e favelas.

Ética e moral

O Campo da Ética

A função fundamental da Ética é a mesma de toda teoria: esclarecer, explicar ou investigar determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. Por outro lado, a realidade moral varia historicamente e, com ela, variam os seus princípios e suas normas. A pretensão de formular princípios e normas universais, deixando de lado a experiência moral histórica, afastaria da teoria precisamente a realidade que deveria explicar.

A ética é teoria, investigação e explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens – ou da moral – considerado na sua totalidade, diversidade e variedade.

Definição de Ética

Ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Como ciência, a ética parte de certo tipo de fatos, visando a descobri-los os princípios gerais. Pode-se falar de uma ética científica,

A moral tem por finalidade assegurar a concordância do comportamento individual com os interesses coletivos.

Margarida Rêgo
Presidente do Condir-Nordeste

ca, mas não se pode dizer o mesmo da moral. Porém pode existir uma moral compatível com os conhecimentos científicos sobre o Homem e a Sociedade e particularmente sobre o comportamento humano moral.

Origens da Moral

A moral surge quando o Homem já é membro de uma coletividade e tem certa consciência da relação Homem-Homem, para que possa se comportar de acordo com as normas e prescrições que governam as ditas relações. Também, para subsistirem e se defenderem, os homens sempre mantiveram relações com a natureza ambiente, procurando submetê-la, através do trabalho, que adquire necessariamente um caráter coletivo.

A necessidade de ajustar o comportamento de cada indivíduo aos interesses da coletividade leva a que se considere como bom ou proveitoso tudo aquilo que contribui para reforçar a união ou atividade comum e, ao contrário, que se veja como mau e perigoso tudo o que

contribua para debilitar a união, o isolamento, a dispersão dos esforços. Aparece, assim, uma série de normas não escritas, a partir dos atos ou qualidades dos membros dos agrupamentos sociais ou das tribos, as quais beneficiam as comunidades. Nasce então a MORAL, com a finalidade de assegurar a concordância do comportamento de cada um com os interesses coletivos. Destaca-se, desse modo, uma série de deveres: todos são obrigados a trabalhar, a lutar contra os inimigos da tribo, etc. Essas obrigações comuns comportam o desenvolvimento das qualidades, ajuda mútua, disciplina, amor aos filhos, justiça distributiva, etc. Não existiam propriamente qualidades morais pessoais. O indivíduo existia em fusão com a comunidade e não se concebia que tivesse interesses pessoais exclusivos. Por isso se trata de uma moral pouco desenvolvida, cujas normas e princípios são aceitos sobretudo pela força dos costumes e da tradição. Os elementos de uma moral mais elaborada, baseada na liberdade e responsabilidade pessoal, vão surgindo gradualmente, quando são criadas condições sociais para um novo tipo de relações entre o indivíduo e a comunidade.

O Progresso Moral

A história nos apresenta um elenco de morais que correspondem às diferentes sociedades que se sucedem no tempo.

Mudam os princípios e as normas morais, a concepção do que é bom ou mau, do que é ou não obri-

A pretensão de formular princípios e normas universais deixando de lado a experiência moral histórica afastaria a teoria da realidade que deveria explicar.

gatório. A história humana avança, seguindo uma espiral, havendo momentos que parecem retornar a antigas concepções, mas percebe-se que há, nesses retornos, sempre um passo adiante.

O processo histórico resulta da atividade produtiva, social e espiritual dos homens. Não é igual para todos os homens e todos os povos. Ainda, o progresso histórico-social de determinados países operou-se excluindo ou retardando o progresso de outros povos.

Conclusões:

- o progresso histórico-social cria condições para o progresso moral;
- o progresso histórico-social afeta positiva ou negativamente o progresso moral;
- o progresso histórico-social não gera, por si só, o progresso moral;
- o progresso moral se mede:
 - a) pela ampliação da esfera moral na vida social, quando se abrem espaços na política, na economia, na educação, etc. para atitudes e comportamentos cada vez mais humanos e humanizantes.
 - b) pela elevação do caráter consciente e livre do comportamento



Todo grupo humano vai criando e consolidando um conjunto de normas e prescrições para presidir relações comunitárias orientadas para o interesse coletivo.

dos indivíduos e grupos humanos, ampliando a margem para aceitar, consciente e livremente, as normas que regulam as relações dos homens entre si.

O progresso moral manifesta-se como processo dialético de negação e conservação de elementos morais anteriores: o individualismo, característico das relações morais burguesas

e abandonado por uma moral coletivista socialista. Permanecem, no entanto valores morais admitidos ao longo dos séculos, como solidariedade, amizade, lealdade, honradez, etc., que adquirem certa universalidade. Da mesma forma, vícios morais como: soberba, perfídia, hipocrisia são rejeitados por várias morais, de todos os tempos e lugares.

- É possível fazer uma distinção clara entre valores morais permanentes e provisórios? Exemplos.
- Que valores morais no mundo moderno têm sido melhor reconhecidos do que no passado?
- Quais os valores morais em crise mais aguda no mundo moderno?
- Como transmitimos, em família, os valores morais permanentes? Como reagimos diante de contestações a valores provisórios que nos são caros?

Capitalistas defendem a ética

Jung Mo Sung
Teólogo católico leigo

Uma das importantes novidades no campo da política brasileira nos últimos anos foi, sem dúvida, o Movimento pela Ética na Política. A necessidade de se fazer um movimento social para discutir a questão ética na política revela uma das facetas da modernidade: a redução da ética às questões privadas.

Em oposição à modernidade burguesa implantada no Brasil, a bandeira da ética na política foi assumida pelos "progressistas", setores da sociedade identificados com causas populares ou com a dimensão pública da República. Com isso, a defesa da ética no campo da economia e da política passou a ser vista como sinônimo de oposição ao *status quo*.

Vários teólogos da libertação, por exemplo, criticaram o capitalismo por sua defesa do egoísmo no mercado como o único caminho para a realização do bem comum (o "egoísmo ético", uma perversão ética). Este é um dos temas centrais da reflexão "teologia e economia". Só que há uma outra novidade. Começam a surgir liberais e neoliberais fazendo defesa da ética na economia e na política. A ética não é mais exclusividade do discurso dos opositores ao nosso capitalismo; é também uma bandeira dos empresários e dos economistas pró-capitalistas. Basta

ver os livros sobre a ética na empresa e a cobertura que os meios de comunicação deram ao livro "Vícios privados, benefícios públicos?" de Eduardo G. Fonseca. Um livro que defende a necessidade da ética para o bom funcionamento do mercado capitalista.

Alguns podem pensar que é só uma estratégia política para roubar da "esquerda" a bandeira da ética. Pode ser, mas não é toda a verdade. A atual configuração do capitalismo

internacional está exigindo a retomada da discussão ética. Por vários motivos.

Primeiro, a sobrevivência das empresas num mercado competitivo está exigindo a implementação de programas de qualidade (Qualidade Total). Está surgindo um novo conceito de empresa e de gerenciamento. Neste novo paradigma, a criação de um espírito de equipe — participação, responsabilidade, objetivos comuns, transparência nas relações, etc. — exige uma nova cultura e uma nova ética. Sem relações baseadas num código de ética não se cria um espírito de equipe.

Segundo, cada vez mais há uma separação entre os proprietários de empresas e os seus executivos. As empresas familiares (dirigidas pelos herdeiros do proprietário-fundador)

estão desaparecendo. Com isso, surge o problema da honestidade e a confiabilidade da "burocracia privada".

Terceiro, a corrupção entre os burocratas do setor público chegou a um ponto intolerável para um bom funcionamento do mercado e da livre concorrência. Basta ver os escândalos nos noticiários internacionais e nacionais.

Quarto, a confiança mútua e respeito às regras do jogo do mercado estão se tornando cada vez mais importantes numa economia de concorrência global e de fusões (temporárias e permanentes) de grandes conglomerados.

Até mesmo os ardorosos defensores do sistema de livre mercado estão percebendo que a ausência da ética — "um problema intrínseco ao sistema de mercado" — está pondo em perigo a própria sobrevivência do capitalismo internacional. Comdesus, diretor-geral do FMI, fala na "semente de autodestruição"; Eduardo Fonseca, por sua vez, diz que a falta de ética poder ser "letal" ao sistema de mercado. A ausência da ética vai contra a eficiência produtiva, a principal bandeira do capitalismo.

Eles dizem que a ética conta e é útil porque é um importante fator de produção. Subordinam e reduzem a ética à produção econômica.

É preciso continuar carregando a bandeira da ética na política e na economia. Mas precisamos saber que não somos mais os únicos. Precisamos apresentar à sociedade as diferenças fundamentais da nossa concepção de ética. Não basta exigir ética; precisamos dizer qual ética e para quê a ética.



Ética e vida social contemporânea

Regis de Morais
Filósofo e professor da UNICAMP

Súbito encontro, em um ensaio de Max Scheler, a afirmação de que o homem contemporâneo tem sido um desertor da Vida. Assusto-me com o que leio. E o pensamento ali expresso é completado ao ser dito que o homem contemporâneo tem sido um desertor da vida pela facilidade com que tem aceito e assumido "substitutos do viver". Começo, então, a pensar em coisas do nosso cotidiano, como por exemplo: com que facilidade temos deixado o convívio com a natureza ser substituído por suas contrafações (fotográficas, televisíveis ou de drogas químicas que imitam sabores naturais); como a mentalidade burocratizada vem trocando a afetividade, que é emoção genuína, pela gentileza, que é uma teatralização social; assim como transformamos em coisa normalíssima a honorabilidade substituída por documentos de cartórios.

Ao que parece, a última e mais grave capitulação tem sido o fato de bens sociais serem substituídos por uma especulação predadora – fato que põe abaixo qualquer idealismo da juventude. Ah, os substitutos do

viver! A deserção de que fala Scheler.

Reequilíbrio vital

Já ficou aborrecido falar-se em crise do século XX. Importa, porém, lembrarmos de que a crise deste século teve (ou ainda tem?) uma prosa: a ética. O presente século correu como louco atrás de eficiência, lucro, produtividade, no mais das vezes confundindo o grandioso com o simplesmente grande. Boa parte de nosso tempo foi perdido tentando encamotear a necessidade de se questionarem em profundidade nossos valores. Por termos exilado a ética das discussões sobre o viver, temos pago preço elevadíssimo, assistindo à hipertrofia de valores materiais (que se transformam em anti-valores), bem como à atrofia de valores espirituais, com desequilíbrio vital grave. Valores espirituais não têm aqui necessariamente sentido religioso, mas certamente focalizam a questão da qualidade de vida enquanto tal. E o que é pior: quando nosso mundo se voltou para os filósofos à procura de auxílio, muitas vezes encontrou-os dizendo coisas



É cada vez mais frequente a reunião de multidões para exigir justiça, honestidade e respeito a princípios éticos.

esotéricas, em clima de assepsia acadêmica. Nada das discussões públicas de Sócrates. Tudo muito longe de Agnes Heller, socióloga e pensadora húngara, que afirma ser a filosofia uma não-cotidianidade (por consistir em elaboração sistematizante) que só se legitima se aceita seguir alimentando-se do cotidianamente vivido.

Ethos (com a letra eta) significa a "morada do homem", o seu abrigo. E daí se deriva um uso metafórico que dá ao vocábulo o sentido de **costumes**, vistos estes como morada racional da vida humana. É fundamental não confundirmos **ethos** (costume racionalmente discutido)

com **hexis**, que é puro hábito automatizado. Entendamos, então, a ética como a discussão racional do **ethos**, que ultrapassa o nível prático-moral (individualizante) em direção ao nível teórico-ético (socializante e universalizante). Ora, os temas fundamentais da ética são os da liberdade da vontade e da responsabilidade. Isto porque, enquanto houver uma possibilidade de escolha, enquanto restar uma única alternativa, não podemos falar em determinismo – que é ausência absoluta de liberdade; falaremos em condicionamento, isto sim. É óbvio que somos pesadamente condicionados por valores da sociedade. No entan-

to, embora condicionados (mas não determinados), seguimos "responsáveis" pela qualidade de vida humana individual e coletivamente. Já dizia Kant que o conceito mais originário da ética é o de "respeito", desde que não se carregue esta última palavra com sentidos piegas.

"Remanescentes" pela dignidade

O século XX tem contado, de qualquer forma, com uma espécie de "resto teológico": os "remanescentes" que nunca abriram mão da dignidade e da qualidade do viver. Apesar de ter sido um tempo de grandes conturbações, não encontramos só negatividades em nosso século. Afinal a década de 1960 deu à luz a Ecologia, inicialmente interessada em investigações e denúncias relativas ao ecossistema — uma Ecologia Ambiental. Já na década de 1970, mais para o seu fim, chegou-se à Ecologia Social, interessada nos traumatismos e poluições do relacionamento institucional e pessoal. Registrava-se aí um avanço. Mas avanço maior surge no final da década de 1980 e início da presente, quando se principia a tratar da Ecologia Mental. Graças ao mau uso da mídia, dos videocassetes, da propaganda abusiva, bem como à invasão no meio humano de valores do industrialismo (como o conceito de "produto descartável" que invadiu as relações interpessoais), temos cada vez mais urgência de estações de tratamento do lixo mental. Vejo nisso sérios avanços na direção de uma sociedade mais consciente de si.

O século XX tem contado com um "resto teológico": os "remanescentes" que nunca abriram mão da dignidade e da qualidade do viver.

No Brasil, o século XX aprofundou as compreensões político-econômicas, expondo as primícias dos "remanescentes" a corajosas e, às vezes, sangrentas lutas sociais. Sabe-se hoje, mais do que ontem, que entre os viventes o domínio material não se separa do espiritual por diafaneidades inconcebíveis, mas ambos fazem o contraponto da dialética da vida. Apesar das aparências superficiais que apontam para o contrário, observações em profundidade mostram-nos que estamos avançando — ainda que a trancos e barrancos — para a possibilidade de um fecundo redimensionamento da vida individual e social.

Esforço possível

Neste final de século e de milênio é necessário que os mais diversos agentes sociais (família, igreja, comunidade, escola, partidos e agremiações) se conscientizem de que é preciso e urgente repensarmos os caminhos de uma civilização mal sucedida e desditosa. Necessária uma reavaliação dos valores de nossa época, um julgamento individual e coletivo dos caminhos que desejamos trilhar, enfim, um redimensionamento racional dos nossos costumes e práticas (da "nossa morada"). Os desanimados dirão: "Mas de que vale o pensar de uma mino-

ria? Que força isso pode ter?" E então será o caso de pedir-lhes que revejam coisas espetaculares da história, como o advento da ciência experimental (século XVI) e as grandes guerras do nosso século, fazendo-se a simples pergunta: idéias de minoria têm ou não força? É o pouquinho de fermento que leveda o alqueire, não o contrário. Isso, porém, não impede que desejamos um número cada vez maior de setores sociais conscientes das reais necessidades do nosso mundo.

Diderot dizia que todo século tem um sentimento dominante e que, no seu tempo (século XVIII), dominava o sentimento de liberdade. Nós podemos dizer que o sentimento dominante deste nosso fim de século é o de "insignificância". Que podemos contra as arbitrariedades políticas e econômicas? Que podemos contra uma mídia corrompida e corruptora? Violência, corrupção, brutalidade contra os "condenados da Terra" é o que vemos nas cores fortes dos noticiários ou nas páginas "dirigidas" da história eventual (ou oficial). Mas, como diria Miguel de Unamuno, nunca foi escrita a história desses milhões de anônimos que não fazem notícia, não escrevem artigos, não publicam livros, mas são decentes, laboriosos e bons, constituindo-se, em seu silêncio de madrugada em paradas de ônibus e apertos em trens de subúrbio, na sustentação mais efetiva de um povo. Ora, as idéias generosas da minoria dos "remanescentes" devem cair sobre essa multidão de anônimos dignos como o orvalho que dessedenta, de modo que enormes mutações podem estar acontecendo

Repor a ética como referência à capacidade humana de ordenar as relações a favor de uma vida digna é desafio da atualidade. Para tanto é preciso redimensionar valores vitais humildemente perante o Absoluto

na vida social sem que delas nos demos conta clara.

Milênio do espírito

Trazida de volta do desterro, a ética (e só ela) pode dar condições de reordenação material e econômica, de reorganização das relações interpessoais, de proteção da dignidade do viver. Afinal, a política e a cidadania derivam da ética, como discussão racional da "morada humana".

André Malraux disse certa vez que, em sua opinião, o terceiro milênio seria o milênio do espírito. Não podemos imaginar que uma inteligência e uma sensibilidade como as de Malraux estivessem a dizer-nos que o milênio vindouro seria de fantasmas e fumacinhas imponderáveis. Milênio do espírito deve ser aquele que se volta para a dignidade do viver em plenitude, para o mais profundo respeito com esse espetacular experimento cósmico que é a vida. E — isto penso eu — estarão prontos para redimensionar os valores vitais os que, com uma antiga e esquecida humildade, queiram redimensioná-los perante o Absoluto.

A ética cristã no Novo Testamento

Dagoberto Ramirez
Teólogo metodista

Legislar sobre ética é muito difícil. Ainda que existam princípios gerais do que deve ser o comportamento das pessoas em seu meio social, tais valores gerais possuem distinta aplicação conforme o contexto cultural no qual vivem as pessoas. O que é correto em um contexto cultural determinado pode ser incorreto em outro. A situação não muda quando se refere à ética cristã. Sobre este tema queremos discutir em particular.

A palavra "ética" vem do grego *ethos*, e apareceu no Novo Testamento com o significado de "costume" ou tradição (Lc 1.9; Jo 19.40; At 6.14, 15.1, 16.21, 21.21, 25.16, 26.3, 28.17; Hb 10.25). Em todos esses casos o uso possui o sentido daquilo que se faz ou costuma-se praticar habitualmente em determinada cultura. Em nenhum momento refere-se a princípios fundamentais ou leis universais a respeito do que deveria ser o comportamento das pessoas ou grupos sociais, pelo menos no sentido que se compreende comumente hoje. Falar de ética, segundo esse uso neotestamentário, é referir-se ao que era a prática habitual dos

cristãos, levando em consideração a constante referência à tradição ou costume judaicos, os quais constituíam matriz cultural e religiosa sobre a qual se forjou o cristianismo.

Portanto, cabe agora a pergunta: O que queremos dizer quando falamos de "ética cristã"? Referimo-nos às práticas habituais das comunidades cristãs do primeiro século? E, se é assim, até que ponto essas práticas são hoje aplicáveis aos diferentes contextos culturais em que vivem os cristãos do século XX?

A ética e as comunidades cristãs no primeiro século

Por isso dissemos que é muito difícil falar de ética, e mais ainda de ética cristã. Os marcos de referência que temos na Sagrada Escritura só nos permitem estabelecer certos parâmetros, limites ou referências, mas em nenhum caso oferecem elementos para "legislar" ou estabelecer princípios jurídicos na casuística particular. Os atuais princípios morais que se nos oferecem são produto da experiência posterior e das práticas

dos cristãos nos séculos seguintes.

O único princípio sobre o qual se fundamenta a ética cristã é o que Deus quer dos crentes. A ação correta, fazer o bem, só tem como referência Deus. A pergunta fundamental da ética cristã, portanto, é: O que Deus quer de mim e de todos nós na situação em que nos encontramos?

As comunidades cristãs do primeiro século viveram diferentes situações — os documentos do Novo Testamento são evidências disso. Temos, por exemplo, a experiência das comunidades paulinas, que está recolhida, fundamentalmente, nas epístolas aos Gálatas, Romanos, I e II Coríntios. As experiências das comunidades cristãs que estão à base dos símbolos (Marcos, Mateus, Lucas-Atos) constituem outra etapa. O evangelho de João e as epístolas joaninas são outro grupo de comunidades, em outros lugares geográficos e com situações e problemas diferentes das demais. Outra experiência representam as comunidades pós-apostólicas, das quais dão testemunho, por exemplo, as chamadas epístolas pastorais e as católicas e/ou universais. Em todo esse amplo espectro de situações no qual vivem as comunidades, devemos contextualizar sua ética. O modo como elas responderam oferecem princípios fundamentais da ética cristã que deveríamos recolher.

O contexto histórico

Deve-se acrescentar a tudo isso um dado histórico e teológico muito importante. As primeiras comunida-

A discussão sobre a ética cristã está muito presente no turbulento mundo de hoje. As comunidades cristãs primitivas viveram situações e contextos diversos, o que torna difícil retirar dessas experiências princípios éticos gerais

des, na etapa imediatamente posterior a Jesus, esperavam em seu tempo a vinda do Senhor. Elas tinham uma fé profunda de que o fim do mundo e da história estava tão próximo que muitos, entre os quais Paulo, acreditavam que o Senhor viria e que vários deles voltaram a vê-lo. Vejam-se, por exemplo, os discursos apocalípticos em Mc 13 e I Cor 15.

Portanto, se o Senhor viria, as demandas éticas estavam estreitamente relacionadas com essa expectativa. O contexto das exigências éticas, a conduta dos cristãos tinham relação direta e única com esse acontecimento escatológico.

A situação mudou quando a espera da parusia se atenuou. Com o transcorrer do tempo, ante a crescente convicção de que o Senhor não viria tão logo, como muitos creiam no princípio, as demandas éticas se modificaram. O contexto já não era a parusia iminente, e era necessário construir-se a idéia de que a permanência no mundo seria por um tempo muito mais prolongado do que a previsão de muitos. A teologia de Lucas é ilustrativa nesse caso. O evangelista vive num tempo posterior a Marcos e Mateus, e também a Paulo. No tempo dele, a

crença sobre a vinda iminente do Senhor havia se atenuado. Por esse motivo, Lucas elabora seu discurso evangélico no que se conhece como a "teologia da História". A espera é substituída pela irrupção da Igreja. A comunidade de fé ocupa o lugar fundamental. Diante da demora da parusia, a Igreja deve elaborar, pois, uma ética para esse mundo. Que fazer ou o que espera o Senhor dos cristãos neste mundo? Qual é seu papel, função, responsabilidade? As epístolas pastorais e universais, então, começam a refletir em seus documentos a preocupação por outros assuntos. Por exemplo, nos evangelhos Jesus faz um forte chamado a seguir com obediência radical o Reino e sua justiça, colocando-o até mesmo acima da preocupação com a família. Deve-se deixar pai e mãe, esposa e filhos, para seguir o anúncio do Reino (cf. Mt 10.34-45). Nesse contexto, espera-se a parusia muito proximamente. Contudo, nas pastorais, em Efésios, em Timóteo, se fala dos deveres dos esposos, esposas, a família, os filhos, etc. (Ef 5.21-45). Todos esses exemplos nos servem para ilustrar o fato de que a ética, o comportamento das pessoas, estão fortemente referidos aos contextos históricos e culturais.

Porém, isso não deve ser pretexto para supormos que possamos fazer aquilo que quisermos ou pudermos conforme o lugar e a época nos quais vivamos. No Novo Testamento podemos extrair alguns ele-

O único princípio sobre o qual se fundamenta a ética cristã é o que Deus quer dos crentes

mentos fundamentais, apesar da diversidade de situações, enfoques e respostas pastorais a situações diversas.

Princípios fundamentais da ética cristã no Novo Testamento

No Novo Testamento existem princípios fundamentais e recomendações pastorais, mas não regras legais fixas. O horizonte primordial da ética cristã é o Reino de Deus, e a máxima fundamental no Reino é o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Vejamos alguns exemplos que nos servem de base para reforçar o que dizemos.

Dissemos que a ética cristã no Novo Testamento começa com as demandas de Deus aos crentes, das quais a principal nos é oferecida por Jesus, o Messias. Diz assim Marcos:

"Um professor da Lei que estava ali ouviu a discussão. Viu que Jesus tinha dado uma boa resposta, e por isso perguntou:

— Qual é o mais importante de todos os mandamentos?

Jesus respondeu:

— É este: Escute, povo de Israel! O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor seu Deus com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças. E o segundo mais importante é este: Ame os outros como você ama a você mesmo. Não há outro mandamento mais importante do que esses dois." (Mc 12.28-31).

O amor tem três dimensões: amor a Deus, ao próximo, em segundo lugar, e a si mesmo, em ter-



Jesus fala aos professores da Lei e a sintetiza no mandamento do amor: amor a Deus com todo o coração, toda a alma, toda a mente, com todas as forças. E aos outros como a si mesmo.

ceiro lugar. A base da ética cristã descansa nesta relação vertical: Deus-ser humano. A relação horizontal entre as pessoas está determinada pela relação vertical anterior. A Primeira Carta de João (cap. 4, vs. 7ss) encarrega-se de explicar esta afirmação — o amor provém de Deus: "Ele nos amou primeiro". A fonte do comportamento devido, da ação correta no cristianismo, descansa na segurança de que o comportamento é capaz de receber em si o amor de Deus.

O amor ao próximo, em segundo lugar, é possível quando se cumpre o primeiro passo, isto é, amar a Deus. Se não se ama a Deus, que é a fonte da qual provém o amor pela graça (dádica) de Deus, não é possível amar os nossos semelhantes. Mas, o inverso é verdadeiro. E, no-

vamente, a Carta de João, a que nos referimos anteriormente, explica: "Se alguém diz 'eu amo a Deus' e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama ao irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?". A prática do amor é fundamental. Se não exercita-se viver no amor de forma cotidiana entre as pessoas, não é possível afirmar que em verdade se ame a Deus. Ama-se a Deus e conhece-o na prática do amor entre os seres humanos.

Finalmente a redação desse mandato em Marcos apresenta o "a si mesmo" como a terceira dimensão da prática do amor. O amor a si mesmo, isto é, a preocupação que as pessoas devem ter por si mesmas é posterior ao amor a Deus e ao próximo. É uma advertência contra o egoísmo de colocar-se em pri-

meio lugar.

Essa maneira de falar não quer dizer tampouco que o ser humano abandone-se a si mesmo, que não se preocupe com sua própria sorte ou segurança. Deve fazê-lo sempre. Todos devemos amarmo-nos, mas, de modo algum, é a ocupação primeira na prática do amor divino. Deus o exemplificou na encarnação de Jesus Cristo. Ele foi a medida para todos os seres humanos de que o verdadeiro amor coloca Deus em primeiro lugar, o próximo em segundo e, somente em terceiro, o "eu" de cada um.

Devemos dizer algo mais, antes de terminar este comentário sobre o mandato do amor. As palavras de Jesus em Marcos, como resposta à pergunta dos escribas, é, em primeiro lugar, uma reiteração do que a Lei judia já estipulava. Em Levítico 19, estão as leis de santidade e de justiça. Não se pode ler o mandato de Jesus nos evangelhos sem considerar que por trás dele subjazem esses códigos em Levítico. Se lemos o que se diz ali, compreenderemos que o amor ao próximo tem a ver não apenas com o amor ao próximo como pessoa ou indivíduo, mas com a comunidade e povo ao qual se pertence. Em Levítico o próximo a quem deve-se amar está nas relações familiares, nos pobres que não têm o que comer e no estrangeiro.

- Será válido exigir, em nossos dias, os mesmos comportamentos indicados pelos apóstolos aos cristãos das primeiras comunidades? Por que?
- Como discernir orientações éticas permanentes e imutáveis, de outras provisórias e mutáveis, segundo as diferentes culturas? Exemplos.
- Que princípios éticos consideramos essenciais, válidos para todos os tempos e culturas? Como os vivenciamos?

A ética, o comportamento das pessoas estão fortemente referidos aos contextos históricos e culturais

Amar ao próximo significa estar contra o roubo, o engano, a mentira; amar o próximo é não oprimir, não roubar, pagar salários justos, ter compaixão com os inválidos (cegos, coxos, surdos); é a prática de uma sã justiça que liberta o pobre do rico no juízo; e significa ainda não murmurar contra os outros.

Assim, o amor ao próximo tem a ver com as relações humanas no sentido amplo, com o mundo da família, as justas relações sociais, o trabalho, a economia. A partir dessa perspectiva, veremos que o amor ao próximo vai muito além do que comumente costumamos praticar.

A releitura que Jesus faz em resposta ao escriba supõe a realidade social de Levítico e a amplia. Agora o próximo não está somente no contexto judeu, mas em toda humanidade. A nova expressão do mandamento do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo deve ser feita a partir do que diz Levítico, mas ampliando-o em perspectiva universal. Desse modo, as relações sociais, a economia, o trabalho comprometem o cristão com toda a humanidade.

O custo social dos fumantes

Any Bourrier
Correspondente do JB

A 9ª Conferência Mundial sobre Fumo e Saúde encerrou seus trabalhos em Paris com o voto de uma lista de resoluções a serem aplicadas aos países participantes. A mais importante é a proibição de publicidade direta ou indireta de cigarros. Além disso, os participantes decidiram que uma nova estratégia na luta contra o hábito de fumar deverá ser proposta aos governos interessados: proibir o cigarro em prédios públicos.

A preocupação das autoridades de saúde que participaram dos debates, como o professor Christian Cabrol, o mais importante cirurgião cardíaco da França, foi suscitada pelos dados divulgados pelo professor Richard Peto, epidemiologista da Universidade de Oxford. Segundo ele, o número de vítimas do hábito de fumar nos países desenvolvidos é de três milhões por ano. Nas nações em desenvolvimento o fumo mata

- Concordamos com as medidas que vêm sendo tomadas para combater o hábito de fumar? Estamos dispostos a apoiá-las? Como?

Um mar de cinzas

O número de cigarros consumidos no Brasil nos últimos anos (em bilhões de unidades)

1980	143
1982	133
1984	129
1986	170
1988	163
1990	173
1992	154

menos: dois milhões de pessoas. Porém, tais cifras só tendem a aumentar. Peto calcula que, na primeira década do século 21, a média anual de mortos por causa do cigarro passará para 10 milhões nos países ricos e sete milhões nos do Terceiro Mundo.

Coube ao economista belga Michel Lenet calcular o custo do consumo e seus prejuízos na área da saúde. O hábito de fumar custa US\$ 100 bilhões de dólares para os EUA, em termos de despesas de saúde, ao passo que, na Europa, este custo é de US\$ 20 bilhões. Os cientistas americanos Kenneth Warner e Thomas Novotny publicaram um estudo segundo o qual os 24 milhões de maços vendidos nos EUA por US\$ 1 geram US\$ 2 de despesas na área da saúde para tratar 24 doenças provocadas pelo fumo.

Pobreza e indigência

Um recente e pouco divulgado estudo do IPEA, baseado em pesquisas do PNAD/IBGE, de 1990, propõe-se a tirar as dúvidas que ainda se levantavam sobre os números da fome no Brasil. São mesmo estarrecedores. Primeiro as definições: **pobres**, são os que não dispõem de renda suficiente para suprir suas necessidades básicas de alimentação, moradia, vestuário e transporte. São 42 milhões. **Indigentes**, os mais pobres dos pobres, não têm rendimento suficiente para comer. São 16,6 milhões. Total: 58,6 milhões de pobres e indigentes, 41% da população brasileira.

A concentração maior desse contingente está no Nordeste e é um fenômeno brutal nas áreas rurais, onde metade da população vive em situação de penúria extrema.

Nos últimos cinco anos, na melhor das hipóteses, esse quadro não se teria agravado. Assim, o governo pode trabalhar com esses dados em planos com que pretenda combater a pobreza e a indigência no nosso país.

Ora, os números são grandes demais para serem

Rede Cristãos Classes Médias

enfrentados com políticas ortodoxas do receituário liberal. Apostar tudo no mercado e em suas leis, restringindo o consumo e, portanto, a atividade econômica, para conter a inflação a qualquer custo, não ampliará o número de empregos e, ainda menos, elevará o nível de salários, de modo a reverter aquele quadro de pobreza e indigência.

O estudo do IPEA conclui que o aumento da atividade produtiva e o crescimento econômico são os únicos caminhos para diminuir a miséria. Mas a produção só aumenta e gera mais empregos como resposta ao aumento do consumo. Se é política explícita do governo conter a demanda para que o mercado não eleve os preços, está fechado o círculo vicioso. Os preços não subirão, mas a produção não aumentará, não serão gerados novos empregos, a grande oferta de mão-de-obra desempregada manterá os salários achatados e os números dramáticos da pobreza e indigência permanecerão tão estáveis como a moeda.

Para os que confessam uma fé apaixonada e comovente no deus-mercado, outro estudo do IPEA demonstra que a economia brasileira é absurdamente oligopolizada. Há um índice para

medir os níveis toleráveis de concentração de setores industriais em poucas mãos, usado em todo o mundo para justificar a intervenção dos governos contra a quebra da sagrada regra da livre concorrência, sem a qual o modelo liberal desmorona. O limite máximo tolerável para esse índice IHH é 1800. Acima desse limite, o governo intervém, força o desmembramento de empresas, pune, reprime e acaba com a festa. Assim se faz nos Estados Unidos, centro mesmo do liberalismo econômico mais radical.

O estudo do IPEA parte para o cálculo desse índice em cada setor industrial do nosso país e descobre que uma fantástica quantidade de produtos essenciais apresentam um IHH que vai de 1800 a 9200, números de fazer Adam Smith corar em sua tumba liberal. Lâmpadas, material de higiene e limpeza, eletrodomésticos, baterias, torneiras, chuveiros, aquecedores, além de computadores, máquinas de escrever, tratores, automóveis e uma lista infindável de produtos que consumimos no nosso dia-a-dia têm seus preços impostos pelos fabricantes sem qualquer sujeição à lei da oferta e da procura, dogma

Se o consumo é contido, a produção não cresce e novos empregos não são gerados. O desemprego, a pobreza e a indigência vão continuar.

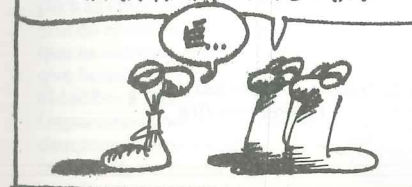
central do modelo econômico liberal.

Pretender apostar tudo nas leis de mercado numa economia tão escandalosamente oligopolizada é no mínimo ingênuo. O máximo que se pode esperar é a desejada estabilidade da moeda, que de pouco valerá se dessas políticas de contenção de consumo e de aquecimento da economia resultar uma perigosa estagnação econômica capaz de perpetuar o quadro deprimente de pobreza e indigência que hoje nos constrange e envergonha.

Essa multidão de excluídos torna-se hoje, para os cristãos, a preocupação central, eleitos que foram como tema da Campanha da Fraternidade deste ano, desafio para ações urgentes, corajosas e transformadoras.

AS COBRAS

NÃO É ÓTIMO TER UMA MOEDA ESTACIONÁRIA, ZÉ DO CINTO?



MAS ELA PRECISAVA TER ESTACIONADO TÃO LONGE?



VERÍSSIMO

14/ 27-3

Em defesa da cidadania

*O papel das classes médias dentro de uma Igreja que fez a opção preferencial pelos pobres é uma questão que vem sendo discutida com insistência nos últimos tempos. Interessados em levar adiante as reflexões sobre o tema e propor linhas de ação para um trabalho com as classes médias, um grupo de sociólogos, historiadores, teólogos, leigos e leigas, religiosas, padres e bispos decidiu realizar uma grande discussão em nível nacional. O Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (CAALL) – de Petrópolis – aceitou ser palco dos debates. Baseado no texto de frei Clodovis Boff "A Pastoral da Classe Média na Ótica da Libertação", promoveu um primeiro seminário em junho de 1991, onde foram apresentadas opiniões, análises e críticas relacionadas ao tema. Após o evento, cada um dos participantes redigiu um texto, comentando a reflexão de Frei Clodovis e colocando suas experiências com grupos de classes médias. A teóloga Maria Helena Arrochellas, diretora do CAALL, reuniu o material e organizou o livro "Classes Médias e a Opção Preferencial pelos Pobres", que traz uma discussão sociológica das classes médias e suas virtualidades para a evangelização. Um segundo seminário foi realizado e o grupo decidiu constituir a **Rede de Cristãos das Classes Médias**. Também integrante da Rede, Maria Helena é a entrevistada do "Painel".*

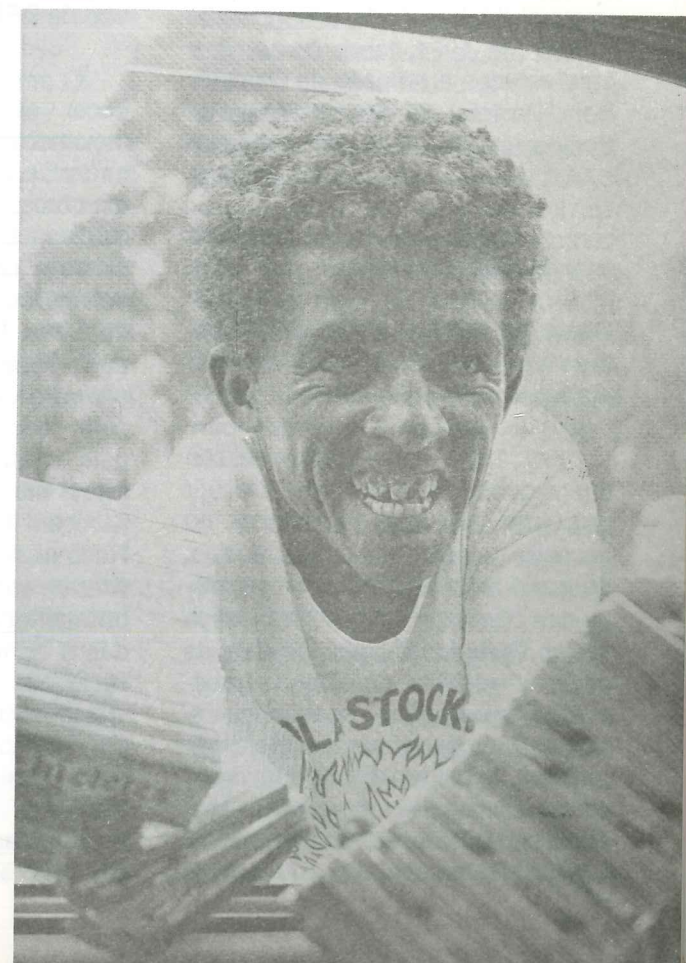
Entrevista de Maria Helena Arrochellas a
Dilene Ferreira

Quando começaram as discussões em torno do papel da classe média dentro da Igreja e quem foram os primeiros participantes?

Nestes três anos de trabalho envolvendo a classe média, constatamos que – em decorrência da política econômica do Brasil – não há uma classe média e sim "várias" classes médias, o que torna esta reflexão uma reflexão aproximada e não totalizante sobre o tema "cristãos de classes médias". Quando pensamos um trabalho de classes médias, não é um trabalho de classes médias para classes médias,

mas sim dos inquietos, que se colocam a serviço de uma sociedade, não trabalhando para eles mesmos, mas para aqueles que buscam a dignidade de cidadãos e de filhos de Deus. Na década de 40, as classes médias se engajavam na Ação Católica Brasileira (ACB), que se constituía, com seus limites, numa proposta pastoral definida para a classe média. Em 1969, a ACB foi dissolvida oficialmente pela Igreja, por causa dos seus conflitos. Surgem, então, os movimentos (cursilhos, encontros de casais, equipes de Nossa Senhora ...) para cobrir este vazio. Clodovis Boff, que desencadeou a

Um trabalho de cristãos das classes médias, não é um trabalho de classes médias para as classes médias, mas sim de cristãos "inquietos" que se colocam a serviço dos que buscam a dignidade de cidadãos e filhos de Deus. Deparamos com estes irmãos desumanizados a cada momento, na nossa vida cotidiana.



reflexão sobre cristãos das classes médias, diz que apesar de seus valores inegáveis (despertamento de fé, experiência religiosa, valorização do leigo), estes movimentos ficaram a meio caminho. Salvo algumas tentativas, como nos Cursinhos, a ênfase maior foi dada à questão espiritual, mas faltou o engajamento com a procura da justiça social. Em 1980 pode-se pontuar as primeiras discussões sobre o papel das classes médias dentro da Igreja, quando alguns pastores e teólogos levantaram a questão de uma "nova pastoral das classes médias". Nesta nova pastoral, podemos elencar, entre outros, o Movimento Familiar Cristão, a Pastoral da Juventude, a Renovação Cristã. Em 1991, tendo como base para estudos a reflexão de Clodovis Boff "Pastoral de Classe Média na Perspectiva da Libertação" e tendo o CAALL se colocado como espaço de serviço, um grupo de cristãos começou a pensar em como trabalhar com as classes médias.

Como se formou a Rede de Cristãos das Classes Médias e como ela funciona atualmente?

Em 1992, este grupo realizou um segundo encontro para discutir propostas concretas, levantadas no encontro de 1991 e já amadurecidas, de como levar adiante o compromisso das classes médias com a justiça social. Durante três dias, cristãos de diversas regiões do Brasil, trabalhando em diversos espaços institucionais e profissionais, de Igrejas diferentes, refletiram à luz da fé, como está o cristianismo das classes médias na busca da justiça social. Chegou-se ao consenso de que os

Inquieta é aquela parcela pequena que come bem mas sente o alimento pesar no estômago quando pensa na fome dos outros.

diversos movimentos e pessoas das classes médias poderiam ser articulados através de uma REDE que seria um canal de interligação com plena autonomia.

E quais são os principais objetivos da REDE?

O primeiro é apoiar, fortalecer e trocar experiências entre grupos, movimentos e organizações, de natureza ecumênica, constituídos de membros pertencentes às classes médias, que aderiram à fé em Jesus Cristo e assumiram o compromisso evangélico de construção do Reino de Deus. Um outro objetivo é o de atrair aqueles que fizeram uma opção pela vida, e vida em abundância para todos (Jo 10,10), que lutam pela construção de uma sociedade livre, humana, justa e solidária. Também é nosso objetivo inserir na Rede preferencialmente aqueles que fizeram um compromisso ecumênico de libertação das maiorias exploradas e dominadas, na linha de uma sociedade que efetiva uma democracia social, econômica e política, da "opção preferencial pelos pobres", das linhas libertadoras implementadas pelas pastorais e pela evangelização das Igrejas na América Latina e em especial no Brasil.

Como as pessoas interessadas no trabalho da Rede podem obter maiores informações? Como podem participar?

Para facilitar a troca de experiências entre as pessoas interessadas neste trabalho evangélico e ao mesmo tempo fornecer subsídios para uma análise sócio-político-religiosa comprometida com a realidade, foi criada uma publicação mensal intitulada "REDE - Boletim dos Cristãos das Classes Médias", que já está completando dois anos ininterruptos. Além do Boletim, a REDE está aberta a todas as pessoas que se identificarem com a proposta. Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (0242) 42-6433, em Petrópolis.

Não é difícil perceber que existe uma parcela mais "inquieta" da classe média e uma mais "acomodada", ou seja, que busca na religião apenas um consolo, uma fuga. Qual o real lugar de cada uma dessas parcelas dentro de uma Igreja que assumiu de modo consequente a opção preferencial pelos pobres?

Primeiro temos que definir que entendemos por "inquietos", e "acomodados". Pois bem, inquieta é aquela parcela (pequena ...) que come bem mas sente o alimento pesar no estômago quando pensa na fome dos outros. É aquela que busca colocar-se num serviço efetivo, que se sente responsável pela construção de uma sociedade menos desigual. Já os acomodados são aqueles que comem bem, dão graças a Deus, nem se lembram da fome dos

Acomodados são os que comem bem, dão graças a Deus, nem se lembram da fome dos pobres e reduzem sua vida cristã à missa dominical.

pobres, reduzem sua vida cristã à missa dominical, a receber sacramentos, e a cuidar de seu mundo sem ser incomodados por todas as injustiças que grassam à sua volta. Há entretanto uma parcela considerável que não pode ser chamada de "acomodada". Apenas não despertou ainda para esta inquietude. Faz um trabalho assistencial que tem sempre sua importância, mas que não atinge o coração do mal, que é a estrutura social em que vivemos.

A Igreja latino-americana descobriu um caminho pastoral para trabalhar com os pobres, através das CEBs e das várias pastorais. Mas será que está perto de descobrir um novo caminho para os não-pobres, especialmente para a classe média?

O caminho está sendo aos poucos descoberto quando a Igreja se propõe a escutar os "inquietos", animando seus trabalhos, colocando-se ao seu lado na defesa dos pequenos e prediletos de Deus. Quando incentiva os "acomodados" a buscarem, como Jesus, o caminho que leva à solidariedade com os mais fracos. Não se trata apenas de responder às demandas de indivíduos dessa classe e se contentar

em inseri-los num centro de defesa dos direitos humanos, numa pastoral de favelas, numa comunidade de base. A grande questão é ajudá-los a assumir a opção de Jesus pelos pobres, pela vida transformadora e evangélica, arcando com as suas conseqüências. Assim ela cumpre seu papel de evangelizar. Uma idéia que está ganhando força é a de realização de um grande encontro de todos os movimentos organizados das classes médias, objetivando uma reflexão e ações em questões como cidadania, justiça social.

Que tipo de contribuição as classes médias podem dar para a libertação dos pobres e a criação de uma nova sociedade?

Em nível de lutas sociais as classes médias têm um peso importante, porque são formadoras de opinião. Se elas se mostram sensíveis aos problemas sociais – não para dar fim aos seus problemas classistas, mas para buscar alterna-

Há uma parcela que faz um trabalho assistencial importante e não pode ser chamada de acomodada. Apenas não despertou ainda para essa inquietude.

tivas que dêem dignidade aos excluídos – elas podem influenciar a política social do país direcionando-a para buscar uma sociedade mais justa e igualitária. Enquanto classes, têm acesso à escolaridade, às informações, à tecnologia, ao contrário dos mais pobres. A questão é colocar-se e colocar seus privilégios de classe a serviço dos excluídos e de suas lutas. Em nível de Igreja, elas podem tentar democratizar as relações internas, fomentando as reflexões e ações sobre questões cruciais como a dos excluídos, da fome, da violência, dos novos valores emergentes como a ecologia e o movimento de mulheres.

- *Como podem as pessoas das classes médias colocarem-se a serviço dos pobres e excluídos da nossa sociedade desigual?*
- *O que temos a oferecer? Bens materiais, conhecimentos, tempo?*
- *Como grupo, podemos planejar e realizar programas de assistência e promoção humana dirigidos aos que mais precisam?*
- *O que devemos exigir de governos, em termos de políticas econômicas e sociais, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária?*

**Contra a fome, comida.
Contra a miséria, emprego.**

Uma classe média inquieta à procura do seu espaço

José e Beatriz Resende Reis
Presidente do IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Surgem agora, de pouco tempo para cá, reflexões e seminários sobre a classe média, sua identidade, seus objetivos, as ambigüidades que lhe são inerentes e as possibilidades que ela tem de ser, observando sua identidade e suas características, agente de mudança na sociedade civil e nas comunidades eclesiais.

Esse assunto que vem sendo refletido por estudiosos pertencentes a essa classe – “Rede dos Cristãos de Classes Médias” – foi colocado agora ao alcance do cidadão comum através da entrevista concedida por Maria Helena Arrochellas no Jornal de Opinião, na parte referente à visão cristã da realidade.

Reconhecendo a importância do tema em si, e levando em consideração que grande parte dos movimentos das igrejas – sobretudo os movimentos familiares – trabalham com pessoas, casais e ou famílias de classe média, o IBRAF oferece a todos o resumo dessas reflexões e os desafios que elas nos colocam.

Maria Helena Arrochellas reuniu e organizou em um livro a colocação que serviu de base às reflexões, e as contribuições de vários autores sobre o assunto colocado, suas ressonâncias e conseqüências: “A Classe Média e a Opção Preferen-

cial pelos Pobres” – Ed. Paulinas.

Procuramos então resumir esse livro tão rico, reduzindo-o às dimensões desse artigo, para que muitas pessoas que não tenham tido oportunidade ou possibilidade de tomar conhecimento dele, pudessem apreciar seus tópicos principais.

Esperamos com esse expediente, não ter ferido ou empobrecido as perspectivas que o livro nos apresenta.

Perfil e ambigüidades da classe média

Alguns não a consideram, como diz Maria Helena em sua entrevista, como sendo propriamente uma classe social, alegando que as pessoas que a compõem não possuem a mesma visão da realidade e de seus problemas. Preocupada sobretudo em manter seus privilégios adquiridos a duras penas, essas pessoas lutam por mantê-los, enfrentando ameaças e conjunturas esporádicas que podem ameaçá-las ou destruí-las. Não têm assim um objetivo próprio e comum que lhes sirva de ideologia ou de utopia e, diante de fatos concretos e desafiadores apresenta-se, quase sempre, oscilante, ora aderindo, quando lhe convém, às

propostas e reivindicações das classes operárias, ora aderindo às reações da classe alta.

Isto faz com que, como classe social, as classes médias se movam dentro de um horizonte estreito, ignorando quase sempre os macro-problemas que constroem ou destroem as sociedades civil e/ou religiosa, sem se preocupar em procurar, para eles, caminhos de solução, de mudanças, pois esses caminhos podem se transformar em processos talvez prejudiciais aos seus ideais burgueses.

Embora essas classes não tenham, por isso mesmo, interesses economicamente homogêneos e nem politicamente definidos, outros a consideram como sendo uma classe social, capaz de influir no processo de construção ou de destruição de uma sociedade solidária, às vezes de modo inconsciente e involuntário.

Existem inegavelmente frações da classe média que optam e lutam pelas mudanças propugnadas pelas classes populares – os pobres, os excluídos do sistema – levadas muitas vezes por motivações éticas ou religiosas – embora, considerada como um todo, essa classe tenha uma relação conflituosa com a fé cristã, com sua simbologia e com a igreja institucional.

Talvez isto aconteça porque os valores da modernidade e da cultura ocidental, percebidos por ela de modo ambíguo e fragmentário, levam-na a considerar a religião como folclore, muleta ou como um modo de se desvincular da vida. Por isso são, em geral, poucos os membros da classe média que dão, à religião, um lugar decisivo em suas vidas e em

A classe média por seu acesso à mídia, pode funcionar como caixa de ressonância das lutas sociais, conscientizando as classes dominantes.

suas opções. E acontece então que, em grande parte, os membros da classe média, não sabendo assumir a dimensão transcendental, envolvem-se em doutrinas e posições esotéricas, frutos das culturas orientais e, por isso mesmo, desvinculadas de nossa realidade e dos problemas que nos desafiam.

Mesmo carregando consigo todas essas ambigüidades, a classe média, se bem orientada, poderá assumir compromissos libertadores.

Importância e possibilidades da classe média

Segundo um dos autores do livro, a classe média brasileira se coloca entre os setores privilegiados, participando de sua cultura e de suas posições – dentro de certos limites – no contexto social. Pode por isso mesmo, por exemplo, no nível das lutas sociais, despertar as classes populares para a importância dos elementos culturais, aos quais, por si mesmas, elas jamais pudessem ter acesso.

Por sua capacidade de se ligar com a mídia pode funcionar como caixa de ressonância das lutas sociais, podendo conscientizar as classes dominantes. É ela, por exemplo, que está promovendo hoje a valorização dos novos questionamentos, que está propondo novos

valores como ecologia, feminismo, paz, importância da subjetividade e da afetividade, valor do corpo, da ética, da nova consciência religiosa, etc.

Embora essas questões sejam universais e interessem a todas as classes sociais, a classe média as assume de forma mais concreta e as dissemina, pois se sente mais direta e mais duramente interpelada por elas.

Por sua ligação com as classes dominantes, pode conhecer, promover ou criticar os valores ou anti-valores que elas propõem, podendo mesmo interpelá-las de igual para igual e propor-lhes caminhos que as levem a descobrir e mesmo aceitar as mudanças necessárias tanto na sociedade civil quanto nas comunidades eclesiais.

Inserida em uma sociedade caracterizada pela fragmentação, pelo pluralismo e pelo economismo, e sentindo-se manipulada e escravizada por ela, pode a classe média assumir, por isso mesmo, uma crítica mais consciente e mais bem fundamentada dessa cultura dominante, da hegemonia da religião católica com sua concepção própria do mundo e da vida, abrindo campo assim para questionamentos positivos e para a possível abertura de novos caminhos.

E ainda por suas características, ao mesmo tempo burguesas e populares, pode a classe média se apresentar como articuladora de demandas particulares da classe operária, realizando confluências de negociações e de viabilização de interesses quer comuns quer antagônicos, justamente por não ter, como classe social, projeto próprio e deli-

A classe média pode se apresentar como articuladora de demandas particulares da classe operária, negociando interesses comuns ou antagônicos.

mitado. Essa possibilidade carrega consigo alguns perigos como orientar os projetos que defende para uma dimensão puramente reformista, capaz de solucionar problemas conjunturais, mas não problemas estruturais.

Isto não diminui contudo a necessidade e a importância de se despertar a classe média para suas reais possibilidades e para os desafios que terá que enfrentar ao se colocar como protagonista das mudanças necessárias tanto no setor social e político quanto no setor religioso.

Leva-nos a perceber, pelo contrário, a necessidade de despertá-la para um conhecimento concreto e praxístico dos problemas e projetos sociais e de como, segundo o discurso feito no Senado por Fernando Henrique Cardoso, poderá agrupar-se e comprometer-se não apenas como organização não governamental (ONG) mas como organização neogovernamental, assumindo, desse modo, seu verdadeiro protagonismo ao propor as mudanças básicas, enfatizando, ao mesmo tempo, suas dimensões éticas. Isto a levará a tomar conhecimento de seu valor, e de sua força e de seu poder, levando-a, ao mesmo tempo, a questionar-se e a procurar descobrir, a partir do ponto de vista das classes populares e dos excluídos do siste-

A classe média está hoje propondo novos valores como ecologia, feminismo, importância da subjetividade, da afetividade, do corpo, da ética, da nova consciência religiosa.

ma, a verdadeira face da realidade.

Assim, ajudando as classes populares na implantação de um novo projeto de vida, essas classes médias alongarão suas perspectivas e passarão a considerar a realidade em sua verdadeira dimensão. E será então evangelizada pelas propostas das classes populares que, apesar de rudes, conservam legítimos e exigentes valores evangélicos.

E mais ainda: tomando-se protagonista das mudanças necessárias pode, a classe média dar às comunidades eclesiais uma representação mais leiga e menos clerical, democratizando as relações internas e dominadoras nelas existentes – e justificadas! – enquanto leva para o seu seio os novos valores que emergem do bojo da cultura moderna – valores de que é portadora privilegiada – desclericalizando assim a teologia e suas consequentes linhas de pastoral.

E no entanto...

Todos podem perceber que a Igreja ainda não descobriu, em nosso tempo, um caminho novo de pastoral para a classe média. Caminho novo significa caminho de pastoral libertadora, em consonância com as

opções pastorais por ela oficialmente assumidas nesses últimos tempos e que se resumem e se traduzem na opção preferencial pelos pobres.

No passado recente propunha ela o caminho da ação católica, não apenas para a classe média mas para o laicato mais consciente. Com o passar dos tempos novos desafios foram surgindo, novas colocações teológicas foram propostas e a ação católica foi perdendo sua atualidade, deixando órfã a classe média que, como um todo, foi perdendo sua vocação profética.

Sobrou nela apenas uma pequena porção de cristãos conscientes que procuraram e até hoje procuram, por si mesmos, seus próprios caminhos, enquanto esperam que surja uma pastoral específica e libertadora, na qual possam encaixar-se ou engajar-se como classe social.

Enquanto grande parte da classe média continua a buscar, nas igrejas, a religião do conforto ou da fuga, esse setor inquieto se recusa “a enquadrar-se numa igreja de salvação individual que, na prática, reduz a vida cristã à frequência aos sacramentos e a uma ética de bom comportamento sexual e interpessoal” – transformando quase a ética humana e cristã numa “etiqueta”. Desajustadas à estrutura paroquial e aos movimentos espiritualistas, essas pessoas também se sentem desajustadas nas CEBs e pastorais populares, por sua própria condição de classe.

Nos primeiros momentos de descoberta e encantamento do optar pelos pobres, esqueceu-se a Igreja latino-americana da necessidade de programar pastorais destinadas à

formação de um laicato não pobre, mas consciente e capaz de assumir, com os pobres, os desafios e as exigências de seu processo de libertação.

Isto deu origem, em toda a América Latina, à existência de uma “forma anômala de Igreja” tendo, na base, os pobres e na cúpula, agentes pastorais, leigos e religiosos em sua maioria com a ausência, entre sua base e sua cúpula, de um forte e consciente laicado de classe média.

Abandonada pela Igreja, essa classe média tornou-se então, como um todo, uma classe secular e secularista, e mesmo neo-paganizada, pois participa da dinâmica de vida e da cultura de hoje. Perdendo assim seus pontos de referência, caem, em consequência, em certa indefinição, por lhes faltar uma “filosofia unificadora de vida”.

Talvez fosse possível se partir dessa crise por ela experimentada para levá-la a descobrir que, frente a essa fragmentação da vida moderna, existe uma proposta evangélica – um amplo projeto de humanização de todos os homens – como referencial para integração da vida, e como inspiração ética. E que essa proposta leva ao diálogo entre a fé e a modernidade que hoje condiciona sua vida, podendo libertá-la da fragmentação com a grande amplitude e profundidade que contém.

Trata-se do projeto de Deus, revelado não apenas a uma classe social, mas a toda a humanidade. A

descoberta dessa proposta deverá ser feita pela própria classe média, a partir de suas necessidades, de suas angústias e de suas esperanças.

A necessidade de colocar-se – sem abdicar de sua identidade – a serviço da proposição de novos questionamentos e dos novos valores emergentes a levará a participar, como classe, dos projetos das classes populares, enriquecendo-os sem procurar substituí-los; leva-la-á a respeitar a cultura e o estilo de lutar pela libertação próprios dessas classes.

Um projeto pastoral assim percebido poderá ser um caminho de resposta ao desafio fundamental do nosso tempo: levar o homem – todos os homens – a descobrir seu lugar e sua verdadeira missão, como ser humano, independente da classe a que possa pertencer.

Isto supõe, é claro, novas colocações teológicas, como fundamento de uma nova ética laical, capaz de abrir caminhos para a vivência de uma fé cristã pluralista, não apesar mas dentro das próprias igrejas, assumidos num diálogo e num compromisso de irmãos.

Assim nos adverte a Rede de Cristãos de Classe Médias:

“As aceleradas transformações sócio-econômicas, políticas, culturais e religiosas em curso no mundo em que vivemos, estão questionando nossos modelos e paradigmas teóricos, nossa visão de mundo, nossas práticas individuais e coletivas.”

- Como pode a classe média atuar efetivamente em favor das reivindicações das classes desfavorecidas?
- O que estamos dispostos a fazer?

Classe média e opção pelos pobres: uma caminhada de muitos passos

Hélio e Selma Amorim

Se não queremos reduzir esta opção a algo romântico e sem frutos, será preciso reconhecer inicialmente que é difícil torná-la efetiva. Não é impossível, apenas difícil. Não é uma opção a que se adere de repente e se põe em prática da noite para o dia. É um processo, uma caminhada de muitos passos. Há uma seqüência, uma ordem, uma direção a seguir. No entanto, há uma exigência preliminar: reconhecer o pobre.

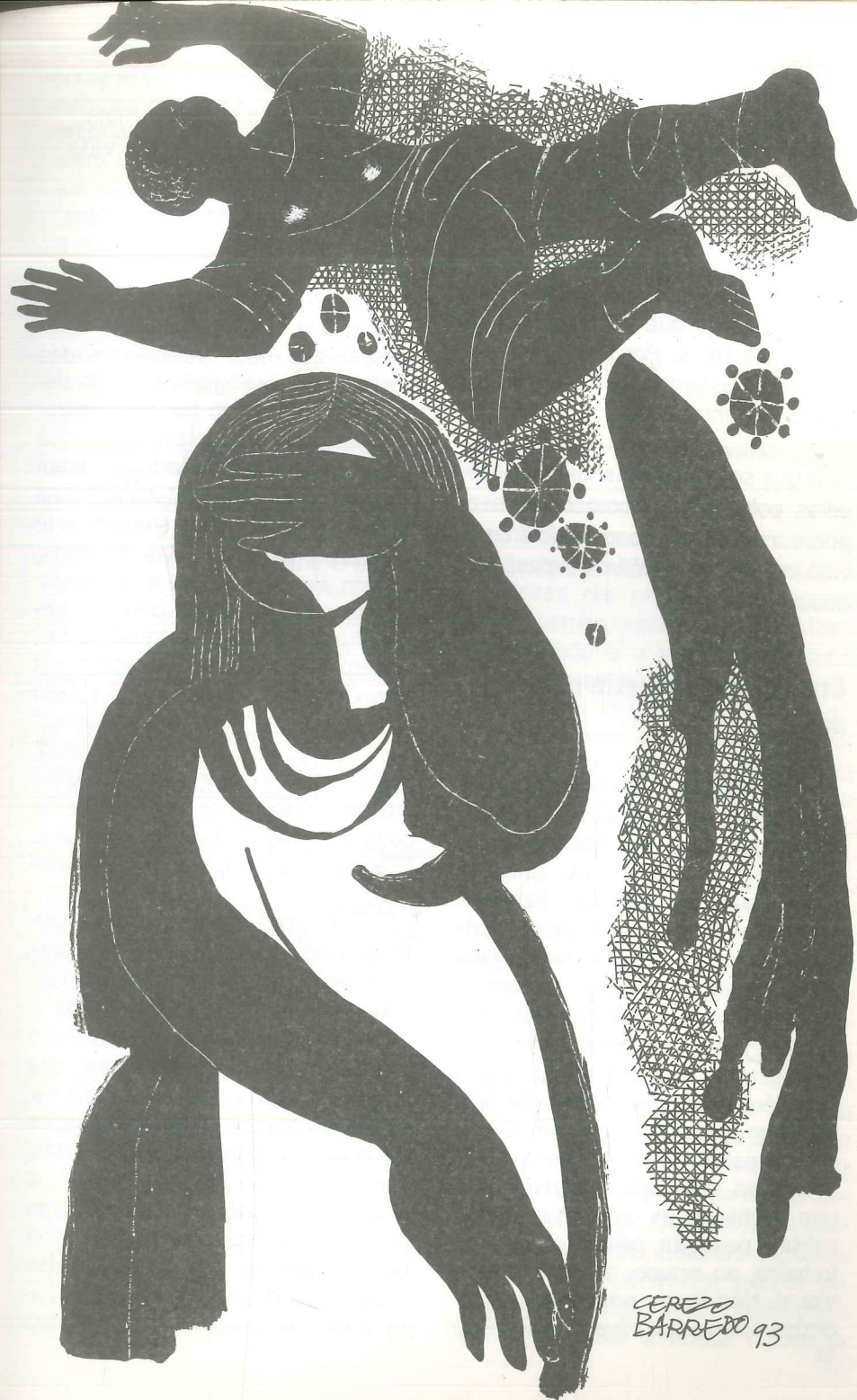
Não vamos cair nas generalizações escapistas: "Muitos são ricos materialmente mas pobres em espírito." "Há pobres com mentalidade e aspirações tão ambiciosas quanto as dos ricos."

Acabamos optando por uma classe difusa, em que se misturam pobres e ricos, aos quais se concede um crédito de confiança de um indefinível espírito de pobreza que não se pode julgar e avaliar. Esvazia-se a opção autêntica que faz a Igreja pe-

los pobres verdadeiros e inequívocos.

Os pobres pelos quais se propõem optar os cristãos, são aqueles radicalmente pobres, que nada possuem, aos quais são negados os benefícios do progresso e da civilização: trabalho digno, remuneração justa, saúde, educação, habitação e um mínimo de condições para encontrar respostas aos impulsos básicos de realização pessoal e de auto-transcendência inscritos por Deus no coração dos homens. Esmagados, oprimidos e desprezados, condenados a vender a força física simplesmente para não morrer de fome, desumanizados e despersonalizados pelos mecanismos da iniquidade social institucionalizada – esses são os pobres pelos quais a Igreja faz uma clara opção.

Jesus fez a sua opção pelos pobres. José e Jesus eram carpinteiros, artesãos, exercendo uma profissão digna, o que lhes possibilitava manter um nível de vida extremamente simples e modesto. Mas suficiente para garantir o atendimento de suas necessidades básicas, possibilitando que Jesus fosse educado e recebes-



se instrução, freqüentando o templo e convivendo com a sociedade da qual eram excluídos os pobres-mais-pobres. Por estes sim, Jesus, que era pobre, fez a sua opção: os marginalizados, oprimidos e humilhados, os chamados pecadores e cuja miséria os fariseus – de classe média – consideravam como decorrência do pecado em que viviam e como castigo de Deus. Por isso, não nos iludamos. Estamos sempre procurando mecanismos de auto-engano para fugir à realidade das opções com que somos desafiados. A opção pelos pobres tem como objetivo o pobre mais pobre, condenado a uma vida indigna de miséria e exploração desumanizante.

Crescer em simpatia pelo pobre

As pessoas que não conhecem a miséria costumam alimentar, consciente ou inconscientemente, certo desprezo pelo pobre. Talvez o próprio fato de usufruírem habitualmente de certa quantidade de privilégios a que os mais pobres jamais terão acesso, produza um desconforto na consciência dessas pessoas. Surgem então racionalizações de auto-justificação, para tranquilizar a consciência dos mais sensíveis: "Estou bem de vida – mas você não sabe o esforço que isto me custou!" "Venci na vida pelo trabalho." Tentam justificar os privilégios pelos méritos pessoais, pela dedicação ao trabalho, ao estudo, ao esforço individual. Não levam em conta as condições sociais favoráveis ao sucesso

A opção pelos pobres está orientada para o pobre mais pobre, condenado a uma vida indigna de miséria e exploração.

pessoal que não dependeram dos méritos dos privilegiados. Como decorrência natural de tais racionalizações aparece o desprezo pelos que não se esforçaram, não trabalharam nem estudaram, não lutaram para "subir na vida". Nem sempre este desprezo é expresso. Mas, às vezes, surgem algumas tolices reveladoras: "Só pensam em beber. São indolentes. Preferem roubar a trabalhar honestamente. Não se esforçam em aprender uma profissão. Por isso são pobres e vivem na miséria..." Com esse "tiro" de misericórdia, posso dormir tranqüilo. Liquidei qualquer resíduo de sentimento de culpa... Como os fariseus o faziam. "São pobres porque são pecadores".

Ora vamos parar um pouco diante dessas racionalizações e sofismas sem a menor consistência. Olhando ao nosso redor vemos a classe média bebendo, sem que isto reduza o nível de privilégios dos quais desfruta – inclusive o de escolher as marcas mais prestigiadas de suas bebidas prediletas... Aliás, conseguem até fazer do hábito de beber um símbolo de "status", tanto maior quanto mais requintada a sua possibilidade de escolher as bebidas mais sofisticadas. As motivações para o ato de beber serão diferentes

conforme a qualidade da bebida, naturalmente. Alguns recorrem a finas bebidas para relaxar as ansiedades próprias do jogo comercial e financeiro ou da competição profissional em que vivem mergulhados. Outros "entornam" a cachaça para enganar a fome crônica, a atenuar a vergonha da própria incapacidade de sustentar a família. Bebem, talvez, para conseguir um pouco de "coragem" para enfrentar, quem sabe, o desprezo da família, dos amigos e dos vizinhos.

Aquele é um exigente "expert" que "sabe beber com classe", este é um cachaceiro... Diferenças sutis!

Quanto à indolência... chega a nível de cinismo comparar o esforço físico desenvolvido pelo mais ágil e ativo profissional liberal, burocrata ou executivo, com a extenuante jornada de trabalho do mais indolente peão ou servente de obras. Isto sem se considerar o abismo entre as remunerações num e noutro caso. E a qualidade de alimentação, o tempo e o desconforto dos transportes de casa ao local de trabalho, o desgaste físico que isso representa, o que sobra de tempo para o repouso, a falta de conforto da moradia para recompor a disposição de enfrentar a jornada do dia seguinte, as horas extras ou concertos de "barraco" no fim-de-semana – que a classe média dedica geralmente ao repouso e ao lazer... merecidos. Falar de indolência como causa de pobreza não é sério nem honesto. Para muitos, a subalimentação a que estiveram sujeitos na primeira infância é um condicionamento insuperável para a reduzida capacidade física e mental, uma barreira intransponível para o aprendizado técnico-profissional e

A quantidade de privilégios a que os mais pobres jamais terão acesso deveria incomodar a consciência dos que os possuem.

desenvolvimento intelectual. É claro: há sempre as raras e famosas exceções que confirmam a regra. Também é hipócrita a acusação que envolve furtos, pequenos golpes ou espertezas com que legiões de "miséráveis" procuram corrigir as falhas gritantes da injusta concentração de riquezas nas mãos de tão poucos. Não vamos justificar o banditismo organizado e a violência irracional. Mas não se pode ser muito severo diante da maioria dos chamados "delitos contra o patrimônio", o sagrado patrimônio dos ricos assaltados por aqueles que foram espoliados pelas regras do sistema salarial injusto. Todo mundo sabe que os grandes "delitos contra o patrimônio comum" são as discretas negociações, o empreguismo, a sonegação de impostos, "escândalos da previdência", as propinas polpudas nas grandes transações com o sagrado dinheiro do povo, os desvios ou má aplicação de verbas públicas com benefícios pessoais, certas práticas comerciais e... não vamos alongar a lista. Quem teria coragem de afirmar que isto não é comum na nossa corrupta sociedade? Os benefícios destes secretos ou notórios recursos que atingem, por vezes, valores escandalosos, não são da classe mais pobre, na qual a nossa hipocrisia

costuma localizar "os que preferem roubar ao invés de trabalhar honestamente". É preciso, portanto, desmistificar estas visões equivocadas. Elas dificultam a crescente simpatia que devemos ter pelos pobres e por suas reivindicações.

As relações pessoais com os mais pobres

É relativamente fácil comover-se pela sorte de miseráveis invisíveis e, se possível, bem distantes. Mais fácil, ainda, se são muitos: uma multidão sem rostos e sem nomes. Uma autêntica opção pelos pobres, porém, supõe o contato pessoal. Alguma forma de convivência habitual com os pobres mais pobres, nos lugares em que vivem e trabalham. É a única maneira de conhecer a miséria, seu cheiro, seu visual, seu som; a voz, o sotaque, a gramática, a sintaxe; enfim, tudo o que escapa à limpeza elegante e fria dos quadros estatísticos e das complexas tabulações das pesquisas sociológicas. É uma experiência sensorial indispensável para se passar da retórica à ação concreta e eficaz.

Observar a sociedade, as relações e os fenômenos sociais pela ótica dos que ficaram de fora é uma experiência surpreendente. Necessária para se descobrir o que se deve transformar para extirpar a injustiça presente nesta mesma sociedade. Os contornos da realidade mudam radicalmente de sentido quando se muda o lugar de observação, o ponto de vista a partir do qual essa realidade é observada e analisada. Para aprender a ver os acontecimentos e julgar a realidade pela ótica do

O contato pessoal é indispensável para se passar da retórica à ação concreta em favor dos mais pobres e excluídos da sociedade.

pobre é preciso conviver com ele, conhecer sua família, ouvir dele suas queixas e esperanças, sua amargura e revolta contra as regras do jogo que outros estabeleceram sem consultá-lo. É preciso ver com os próprios olhos e analisar os efeitos desastrosos da iniquidade social sobre pessoas e famílias concretas, com nome e rosto conhecido. Somente assim haverá condição de assumirmos de modo consistente, o inconformismo frente aos mecanismos "que produzem ricos cada vez mais ricos, às custas de pobres cada vez mais pobres".

O desafio da austeridade

Quando se aprende a observar criticamente a organização da sociedade pela ótica do pobre, muitas coisas começam a mudar. Põe-se mais agudamente em questão, nas classes médias, o desvario do consumismo, a busca desenfreada do conforto, a preferência de produção de bens supérfluos – que a propaganda transforma em essenciais, o fenômeno escandaloso do desperdício de dons da natureza e tantos outros fatos inaceitáveis numa sociedade em que a maioria absoluta das famílias passa as maiores privações. Aqueles que tomam consciência



A legião de catadores de resto de alimentos nas feiras é um quadro que desafia a sensibilidade e a fé dos que nunca passaram fome.

dessa iniquidade sentem-se desafiados, então, a recusar sua cumplicidade com a injustiça institucionalizada na repartição de bens. São levados, assim, a assumir um estilo de vida mais simples, abrem mão de suas possibilidades de usufruir tudo o que a sociedade de consumo lhes põe ao alcance. Aprendem a dizer

não ao supérfluo e passam a entender o desperdício como absurda ofensa aos que nada têm. Esse estilo de vida mais austero acaba se impondo como sinal para muitos. Tem a força do simbolismo, sempre mais expressivo que os discursos e a pura retórica. Em suma, além de introduzir em sua vida um fator de

coerência ainda que limitada e imperfeita com a opção pelos pobres, assegura-lhes maiores possibilidades de tornar mais efetiva aquela opção.

A partilha dos bens

Consciente da iniquidade básica do sistema sócio-econômico que o beneficia às custas da espoliação das classes desfavorecidas, o cristão sente-se no dever imperioso de compensar essa injustiça. Qualquer fórmula que lhe ocorra, sempre lhe parece imperfeita. A primeira idéia heróica o assusta: "devo dar tudo que tenho aos pobres e tornar-me pobre como os pobres". É verdade que tal opção heróica, exige um carisma especial e condições pessoais peculiares. Talvez nem exequível para muitos que têm coragem em abundância. Os próprios efeitos práticos podem ser pouco duradouros. A trama vigente de mecanismos jurídicos, econômicos e tributários possivelmente acabaria transferindo para a mão dos ricos, a curtíssimo prazo, os resultados práticos materiais dessa forma corajosa de partilha. Muitos, certamente, estariam dispostos a dar tudo o que têm aos que nada têm. Desde que se implantasse um sistema econômico diferente capaz de viabilizar de modo efetivo essa forma radical de partilha, isto é, que os bens partilhados produzissem benefícios definitivos ou duradouros para os beneficiários da partilha.

Assim, não obstante o fortíssimo valor simbólico desta forma de partilha, que sem dúvida pode produzir efeitos extraordinários, como opção

Como simples administradores dos bens e dons que nos foram dados, cabe-nos partilhá-los com os que não os receberam.

exemplar e inquietadora para muitos observadores até então tranqüilos, é possível descobrir alternativas também eficazes, embora menos radicais. Talvez sejam passos parciais, viáveis, que levem a uma opção cada vez mais corajosa e extrema. Trata-se de pôr o que **somos e temos** a serviço dos que nada tem e se mantêm em baixíssimos níveis de realização pessoal. Como se fôssemos (e somos) apenas administradores dessa grande quantidade de bens e dons materiais e intelectuais que desfrutamos nessa desordenada teia social que nos privilegiou.

Se alguém tem uma casa, lembre-se que ela foi construída por operários cujos salários jamais corresponderam ao valor real do esforço deles exigido, o que os condena a condições subumanas de vida. Se ganhassem o que moralmente vale o seu trabalho, o custo final da casa seria inacessível às nossas possibilidades de comprá-la. Será moralmente lícita esta propriedade?

Não basta ser legalmente válida segundo as regras do sistema jurídico e econômico vigente. Essa matemática se aplica a qualquer coisa que se possua. Inclusive aos talentos que pudemos desenvolver, à própria qualificação profissional e demais benefícios da cultura, do progresso e da civilização. Porque



Os benefícios do progresso não são repartidos com equidade.

eles não são repartidos equitativamente, num sistema de salários incompatíveis com o seu valor real determinado por critérios morais justos e exigentes.

Assim, como simples administradores de bens e dons, cabe-nos partilhá-los ou colocá-los generosa e inteligentemente a serviço dos que foram lesados e espoliados. Não como um favor caridoso, mas como forma imperfeita de restituição parcial aos mais pobres, daquilo que moralmente lhes pertence. É a prática do amor que supera os esquemas românticos e sentimentais das ações beneméritas e filantrópicas para se confundir com a prática da justiça. São variadas as desculpas e

justificativas para a recusa da partilha. Talvez pudéssemos arriscar a afirmar que a não-disposição à partilha invalida a participação na Eucaristia, pois esta é a celebração da partilha entre os que a assumem como exigência evangélica. O pão consagrado é o pão partilhado: "Ele o partiu e o deu aos seus discípulos dizendo: Isto é o meu corpo". E os discípulos de Emaús o reconheceram ao repartir o pão. Também os primeiros cristãos eram reconhecidos porque punham em comum tudo o que tinham e pela partilha do pão. Essa disposição de partilhar que se torna efetiva com frequência, ainda que imperfeitamente, é um passo para uma autêntica opção pelos pobres. Não conseguimos desvincular a Eucaristia do sentido de partilha.

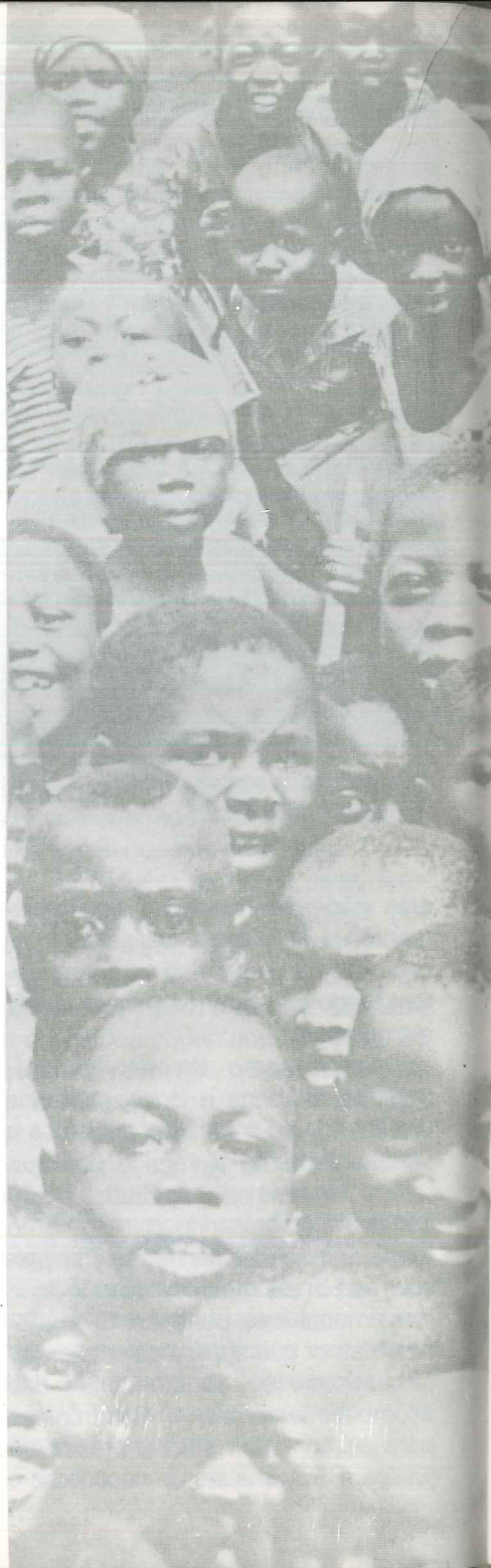
Assumir a causa do pobre

Já o passo seguinte pode ajudar a desencadear um processo ou produzir conseqüências irreversíveis, que se traduzirão em perda de privilégios de classe. Trata-se de apoiar eficazmente as reivindicações dos pobres e espoliados da sociedade, na sua luta por uma justa participação nos benefícios do progresso e da riqueza de seu País. Por uma distribuição de renda mais equitativa e superação do absurdo abismo que separa ricos e pobres e, conseqüentemente, o exagerado e intolerável contraste de qualidade de vida entre as classes sociais, todas formadas por pessoas criadas à mesma imagem e semelhança do mesmo Deus. Ora, o atendimento às reivindica-

ções das classes mais pobres e oprimidas atinge automaticamente os privilégios das outras classes mais favorecidas.

Lutar por esse objetivo no interior da própria classe, nas associações, sindicatos e entidades formadas por pessoas, famílias e profissionais das classes médias, equivaleria a uma espécie de "traição da classe". Assim será interpretado por muitos. Esse é o desafio. Na associação de moradores, seria lutar pelo atendimento prioritário das necessidades das favelas da região, mesmo em prejuízo do atendimento das justas reivindicações das demais zonas do bairro. Nos sindicatos patronais é defender até ou além do limite máximo as propostas e exigências das classes trabalhadoras, com os argumentos claros e consistentes que possui aquele que vive essa opção pelos pobres. No exercício de funções públicas e na militância partidária é promover as mudanças estruturais que restabeleçam a equidade e a justiça em benefício dos mais pobres, conhecendo a inflexível matemática que indica os conseqüentes danos para as classes privilegiadas.

Cabe-lhes incentivar a organização dos setores populares – mas não lhes cabe criar estes organismos. Deles se espera que expressem em projetos, propostas e programas adequadamente formulados e fundamentados, as autênticas aspirações das classes a que querem servir. Não se lhes pede a elaboração de ideologias de gabinete para as quais pretendam a adesão das classes populares, modalidade de ação de ranço populista tão ultrapassado.



A atitude que se espera é a de serviço desinteressado, talvez pouco gratificante para os que dele pudessem esperar certo prestígio pessoal, o que não afina com o espírito da opção pelos pobres que os cristãos se propuseram fazer, um dia, neste sofrido Continente da Esperança.

O tempero indispensável

Conhecemos muitos não-cristãos e ateus que são ou foram capazes de realizar opções sinceras e radicais por essa utopia de justiça social e da fraternidade. Alguns foram protagonistas de grandes e definitivas transformações sociais de maior importância, e sofreram por isso. Conhecemos, por outro lado, aqueles cristãos que o fizeram igualmente, mas por opção de fé. Qual a diferença? É que o cristão sabe que tais conquistas e mudan-

ças serão sempre limitadas e parciais diante da radicalidade do projeto do Reino de Deus.

O Reino passa necessariamente por essas realizações históricas que visam à instituição de justiça e da fraternidade, desde aqui e agora. Mas não se esgota nalas. O Reino de Deus as ultrapassa e só se estabelecerá definitivamente em sua radicalidade, no fim da história.

Esta visão deve alimentar a opção dos cristãos pela participação efetiva na história, dando-lhes forças para superar as dificuldades e fracassos parciais, jamais desanimando frente aos riscos e intimidações: eles sabem que a própria morte foi vencida pela Ressurreição, que a Paixão é véspera da Páscoa. E que não há Páscoa e Ressurreição sem paixão e morte. Isto quer dizer que o Reino ultrapassa, mas não virá sem as construções históricas parciais e limitadas de que o cristão é chamado a participar aqui e agora.

- *Que atividades podemos desenvolver, capazes de facilitar um contato maior com os mais pobres?*
- *O que é mais marcante em nós: simpatia ou desprezo, carinho ou desconfiança, compreensão ou preconceitos, na relação com os mais pobres? Como crescer em simpatia?*
- *Somos capazes de ver o mundo pelos olhos dos mais pobres? Podemos tentar? Vamos nos imaginar por um momento no seu lugar e analisar a sociedade ao nosso redor. O que vemos? O que sentimos?*
- *Vivemos com austeridade ou nos submetemos ao consumismo? Que sentido podemos dar à austeridade?*
- *Costumamos partilhar algo do que somos, do que temos, o nosso tempo e conhecimentos – com os que não têm? Como?*
- *Temos coragem de defender a causa dos mais pobres? Como isto pode ser feito?*

"Todos dependem de todos. Basta que um botão erre de casa, para que o desencontro seja total".

(D. Helder Câmara)

Como (não) educar um assassino dentro de casa

Frei Beto
Escritor

Estarrecidos, vemos a realidade superar a ficção. A sangue frio, em São Paulo, o estudante Gustavo Pissardo mata os pais, os avós paternos e a irmã, e em Porto Alegre, Carlos Alberto Pinto Oliveira contrata um assassino para degolar seus pais. Nem a demência justifica — embora explique — crimes tão hediondos.

O assassino mora em casa porque, salva casos excepcionais, ele foi criado para odiar. Não é o traficante que produz o viciado. Nem o efeito alucinógeno das drogas. É o desamor, a incapacidade de a família relacionar-se com o filho que não se comporta segundo o modelo instalado na cabeça dos pais. O diferente torna-se divergente e quem devia ser amado passa a ser rejeitado.

Na natureza, todos os mamíferos curtem carinhosamente suas crias. Já os répteis, como as serpentes, geram como quem cospe, indiferentes ao destino de seus filhos. Em nossa estrutura cerebral reside também uma cascavel. Se os pais se desgostam na frente dos filhos, agriem-se em palavras e gestos, transformam a casa num lugar insano, como esperar que os filhos cresçam felizes? Pais que não tocam fisicamente seus filhos, têm pudor de transmitir-lhes carinho ou nunca têm

tempo para curti-los, levá-los a passear e se interessar pelo microuniverso deles, podem estar fabricando um assassino em potencial.

Tenho visto pais em estado de perplexidade ao constatarem o filho dependente de drogas. Movidos por um pragmatismo equivocado, adotam reações que vão das ameaças ao castigo ou entregam o caso a cuidados médicos. Se dispõem de recursos, ficam à procura das melhores clínicas e se sentem aliviados quando o problema é provisoriamente descartado — a internação do filho. Fazem exatamente o contrário do que deveria ser feito. A dependência da droga é uma questão afetiva. Não há remédios, médicos, clínicas ou internações que preencham o buraco no peito daquele filho que não se sente amado.

No tratamento de um viciado os cuidados terapêuticos são importantes, os remédios, necessários, porém o fundamental é o amor. Amar o dependente com todas as forças e acima de todas as coisas. Fazê-lo sentir-se querido, apreciado, sem nenhuma vergonha de suas reações anti-sociais e nenhum pudor de manifestar carinho a quem já não é criança. Sobre tudo, evitar censurá-lo. Sensível, o dependente apreende quando o tratamos como mero problema ou transmitimos uma afeição

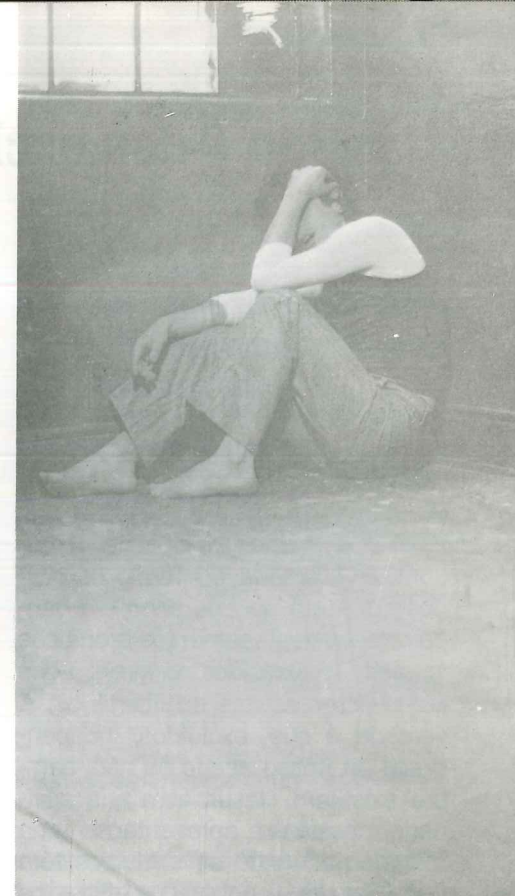
No tratamento de um viciado, os cuidados terapêuticos são importantes mas o fundamental é o amor.

que, de fato, nutrimos do fundo do coração.

Todo amor, exceto o divino, supõe no mínimo a retribuição de ser amado. No caso de um drogado, não deve haver ilusões: a retribuição, em forma de recuperação, vem a longo prazo. Durante um período difícil, faz-se necessário que a família ame incondicionalmente, sem confundir amor com presentes, viagens e promessas. No viciado manifesta-se a loucura da família, como o tumor do corpo. E só haverá cura se a família tiver a paciente humildade de reiniciar o aprendizado do amor. Porém, se o pai não dispõe de tempo e a mãe está sempre ocupada no trabalho ou com suas modelações estéticas; se o pai dá mais atenção ao colega de trabalho que ao filho e se a mãe se desespera porque o vê tomando drogas, é sinal de que ainda eles não centram suficientemente sua atenção amorosa no filho.

O amor cura, liberta, salva. E não há bonecas, velocípedes, viagens à Disney, que possam substi-

- Como nos situamos diante das idéias expostas pelo autor? Concordamos quanto às causas do problema?
- Conhecemos casos concretos de dependência de drogas nas famílias de nossas relações? São casos difíceis? Estão sendo enfrentados corretamente?
- O que faremos na situação em que se encontram essas famílias? O que podemos fazer para apoiá-las?



No viciado manifesta-se a loucura da família, como o tumor do corpo, e só haverá cura se a família reaprender a amar.

tuí-lo. Porque não há bens materiais capazes de preencher o buraco que trazemos no peito, esse apetite divino que nos faz passar toda a existência à procura do Amor e que leva os filhos bem-amados à personalização harmoniosa que os faz considerar as drogas uma droga.

O Reino é dos excluídos

Antonio Mesquita Galvão
Teólogo leigo

Os bem-aventurados

A "campanha da fraternidade" de 1995 privilegia o tema "*Os excluídos e a salvação*" como objeto de estudo da Igreja no Brasil a respeito dos problemas sociais. É curiosa a retomada do termo "excluídos", que até poucos anos era bandeira daqueles segmentos proféticos igualmente excluídos na Igreja, tidos como progressistas ou libertários. A verdade é que, excluídos, independente do nosso aceite ou não, sempre existiram. Jesus abre sua atividade messiânica apresentando uma "plataforma" onde os excluídos têm vez: "Felizes os pobres, os aflitos, os mansos, os injustiçados, os puros, os misericordiosos, os pacíficos, os perseguidos, os odiados, os expulsos..." (cf. Mt 5, 3-10; Lc 6, 20-22). Nas chamadas bem-aventuranças aparece o caminho da felicidade: todo excluído, independente de que sistema, político, social, econômico, religioso, será amparado, será elevado e possuirá o dom de Deus, o sumo bem, o Reino. Os dicionários nos mostram que excluído é aquele que é objeto de exclusão, alguém que é privado de algum (ou todo) direito. Os bem-aventurados, pela própria descrição de suas carências, tornam-se amigos de Jesus, não porque simplesmente sejam pobres

e oprimidos, mas porque marginalizados, em Jesus depositam sua confiança e esperanças.

Os excluídos

Para que se entenda bem a característica dos excluídos e o amor de Jesus por eles, é necessário que se veja que ele próprio foi, em seu tempo, um excluído. A profissão de carpinteiro era mal vista. Os carpinteiros, em geral, fabricavam cruzes... Embora nascido em Belém, Jesus era tido como galileu. O povo do norte de Israel era discriminado: "Pode sair alguma coisa boa de Nazaré?" Jesus, foi discriminado pelo sistema religioso de seu tempo. Os notáveis do templo achavam que ele era um perigo para a nação, para a religião e para a segurança do povo. Blasfemo e herético, ele foi morto, por confessar-se rei e filho de Deus. Sobretudo, Jesus foi marginalizado porque era pobre. A vida pública de Jesus é toda ela voltada para o serviço aos excluídos, como doentes, pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros. Ao afirmar que "ele passou fazendo o bem..." (cf. At 10, 38), os hagiógrafos querem dar ênfase à sua práxis libertadora em favor dos excluídos. Quando instadas a uma desinstalação mais concreta em favor dos menos afortunados, algumas pessoas

A vida pública de Jesus é toda ela voltada para o serviço aos excluídos: doentes, pobres, órfãos, viúvas, estrangeiros.

buscam a Escritura para uma exegese distorcida: "Vocês terão sempre pobres com vocês..." (cf. Mt 26,11; Jo 12,8). Na verdade, esta frase não é uma sentença de Jesus a respeito da irreversibilidade da pobreza, mas, conhecedor do coração humano, ciente do egoísmo das pessoas e dos sistemas, ele prevê que, dentro do quadro, presente e futuro, sempre haverá pobres, pois o egoísmo que impera, fazia (faz e fará) com que cada um só se volte para seu bem-estar, esquecendo-se, desprezando, excluindo os demais.

O império da técnica

Os sistemas tecnicistas de hoje, denunciados há mais de quinze anos, em Puebla, tratam, cada dia mais, de criar super-homens, em termos de técnica, resistência, competência, competitividade e capacidade, em detrimento de uma maioria que vegeta excluída, com fome, ignorante, desdentada e cheia de vermes e sem esperança... Hoje o *deus-lucro* é pai de toda iniquidade que assola o mundo. A *nova ordem econômica*, quem sabe o braço burocrático da "new-age" busca unificar línguas, moedas e mercados. Nessa busca da eficácia, os fracos vão tombando, alijados dos processos de desenvolvimento, inchando periferias



Nas bem-aventuranças aparece o caminho da felicidade: todo excluído será elevado e possuirá o Reino.

— em especial no "terceiro mundo" — criando problemas sociais que hoje afiguram-se como quase insolúveis. Em Puebla os bispos da América Latina denunciaram a trinca *ter, poder e prazer* como os novos "bezerros de ouro" do século XX. De lá para cá muito tempo passou, e a idolatria ampliou-se, de modo assustador, a ponto de fazer submergir muitos valores, transformando os fatores de felicidade das "bem-aventuranças" (simplicidade, pacifismo, pureza, fraqueza) em defeitos, em características das pessoas alienadas e perdedoras. A técnica ensejou a excessiva mecanização das lavouras na América Latina, capaz de gerar o êxodo rural e o aparecimento de um sem-número de excluídos nas periferias

Hoje, os honestos são motivo de troça, considerados fora da realidade e excluídos de muitos processos sociais.

urbanas. Aqui o império da técnica serve às forças do pecado.

Os valores do mundo

Do jeito que as coisas estão hoje, os puros de coração, os honestos, os que têm fé, os que buscam construir a vida digna, esses são motivo de troça, considerados fora da realidade e, por isso mesmo, excluídos de muitos processos sociais. O hedonismo, qual uma hidra de muitas cabeças (o divórcio, a pornografia, o adultério, o sexo promíscuo, o homossexualismo, e o aborto) tenta passar a idéia de liberdade, de modernidade e de satisfação, quando a realidade mostra que as pessoas que para lá derivam tornam-se escravas, infelizes e terrivelmente frustradas. O efeito devastador do hedonismo é a geração de pessoas sem a mínima estruturação psicossocial. Os "meninos de rua" que perambulam aos magotes, por nosso país, dizem bem da forma irresponsável como o sexo é conduzido por muitos. *O problema dos menores sem lar que hoje é crucial poderá tornar-se incontrolável no futuro.* Excluídos, indesejados, hostilizados eles vão crescer na marginalidade e um dia, quem sabe, vão querer co-

brar – alguns já estão cobrando – um preço muito alto da sociedade que os abandonou. O certo é que, para cada "menor abandonado" existem milhares de "adultos abandonadores". O que hoje pode ser um mutirão de muitos, no futuro poderá converter-se na "dor de cabeça" de todos...

Oração e Ação

Embora seja chocante, não adianta a gente ficar chorando a fome da Etiópia. Há tempos fui a uma reunião de Igreja, em que nas preces finais, uma senhora pediu orações pelos famintos da África. Meritório é orar pelos famintos da África. Como eles estão longe, só nos resta orar por eles. E os famintos daqui? E os famintos que vivem (vivem?) em nossa rua, em nosso bairro? A oração é interessante e eficaz, quando desce das palavras bonitas e se enraíza numa prática consciente e constante. Caso contrário é cortina de fumaça para esconder apatia e comodismo. A grande verdade é que nosso modelo sócio-econômico é concentrador, elitista e excludente. Ele busca cercar-se de uma elite e exclui os demais. É assim na educação. Quem tem dinheiro frequenta boas escolas. Se o pai ajuda nas campanhas financeiras (rifas, construção disso ou daquilo) o filho sempre é aprovado e nunca tem problemas de disciplina. Assim também é na saúde. Quem é pobre morre nas filas do SUS; se está doente, marcam-lhe consulta para daqui a três meses... tem que ir para a fila às duas da madrugada para tirar a bendita ficha...

Um fato real

E conto um fato real: A empregada de minha casa precisou de um atendimento médico de urgência. Foi atendida na "emergência" de um hospital da Grande Porto Alegre. Horas depois, à noite, sem estar medicada, apenas "dopada" por calmantes, foi mandada para casa, porque "não havia lugar para ela" nas enfermarias. Sua sorte foi um carro da Polícia Militar que encontrou-a na rua, descalça e cambaleante, conduzindo-a à sua residência. Para ser tratada, ela precisou da ajuda de pessoas que pagaram o atendimento numa clínica particular. Ela tinha todos os ingredientes dos quais nossa sociedade vale-se para excluir uma pessoa: era mulher, pobre e preta. O pobre é excluído nas diversas atividades sociais. Se há "revista" da polícia num ônibus, eles revistam os pretos e os mal vestidos, e liberam os engravatados e portadores de pastas-executivas. E o pior é que essa exclusão vai deixando marcas, reavivando feridas e criando revoltas que o tempo não consegue minimizar. As bem-aventuranças caracterizam um grupo de pessoas que, por sua carência e exclusão do quadro social, vão tomar-se, no decorrer da história, os privilegiados da práxis do Messias continuada pelos tempos. Ora, se os excluídos são os benvindos do Reino dos céus, fácil é constatar que aqueles que excluem, que praticam obras dos instintos egoístas, como a impureza, a idolatria, a discórdia, o sectarismo, a inveja e a violência, esses não herdarão o Reino (cf. Gl 5,19ss). Na dialética de Jesus, os excluídos tornam-se in-

A oração é eficaz quando desce das palavras bonitas e se enraíza numa prática consciente e constante.

cluídos e, pelo contrário, os que hoje riem, têm riquezas, estão consolados e vivem na fartura, esses sofrerão a mais profunda exclusão. "Quem ama o ouro não se conserva justo, e quem corre atrás do lucro, com ele se perderá" (cf. Eclo 31,5).

Exclusão e inclusão

Quem está inserido nos valores do mundo, exclui-se do transcendente. Ao contrário, quem é excluído, marginalizado das coisas boas aqui na terra, afastado por esquemas injustos, esses receberão o consolo dos bem-aventurados. Eu não quero ser maniqueísta a ponto de dizer que só as coisas espirituais são boas e que nada do mundo presta. O mundo tem coisas muito boas. Deus criou o mundo para ser usufruído em belezas, prazeres e riquezas, por todos. O pecaminoso é como ocorre hoje; as coisas boas tornando-se propriedade exclusiva apenas de uma minoria. Não se pode, entretanto, como fazia a igreja da cristandade, acenar aos fracos apenas com as consolações em uma vida futura, ignorando o drama da vida dos excluídos pelos tempos afora. Não! O Messias veio anunciar aos oprimidos que eles se libertarão da

Não se pode acenar aos fracoss apenas com as consolações em uma vida futura, ignorando o drama dos excluídos.

opressão *aqui nesta vida*, que seus pecados serão resgatados enquanto pessoas vivas, que as doenças curadas são aquelas do corpo, e que o ano de graça do Senhor é um tempo para ser vivido em corpo e espírito, aqui na terra, em preparação para o Reino que há de vir (cf. Lc 4, 18s). A "Boa-Notícia" aos pobres é dizer-lhes que, pela solidariedade dos irmãos ("dêem-lhes de comer vocês mesmos!"), eles vão deixar de ser indigentes enquanto peregrinam nesta vida. É uma crueldade acenar com vida digna apenas para a outra vida. Quem age assim desmerece a providência de Deus, adia a implantação da dimensão terrena do Reino e coonesto o *status quo*, via de regra opressor e impregnado de pecado. Ao contrário dos saciados, os excluídos sabem da necessidade que eles têm de Deus como articulador da

- O que é ser um excluído? Excluído de que?
- Quem são os excluídos, hoje, na nossa cidade?
- Por que tantos são excluídos? Exemplos de mecanismos de exclusão.
- O que está sendo feito para corrigir essa situação de exclusão de tantos? O que estamos dispostos a fazer, pessoalmente e como grupo?
- Que mudanças sociais, políticas e econômicas devemos exigir para que todos tenham acesso aos benefícios do progresso e conquistem a sua cidadania?

"Se alguém te oferece veneno, oferece-lhe manteiga". (Provérbio somali).

história de suas vidas, pois só através da implantação do projeto de Deus é possível construir uma sociedade nova, em que os valores das bem-aventuranças – que hoje para o mundo são fator de exclusão – sejam a realidade vivida. Deste modo, a grande reflexão que ora se nos suscita é a posição da cada um. Os excluídos serão incluídos. Isto Jesus nos diz, com outras palavras. Ao contrário, quem ajuda a marginalizar, quem cria sistemas ou valida processos injustos, esses excluem-se da graça divina, da amizade de Deus, do convívio dos bem-aventurados. O cristão, construtor de uma sociedade nova, onde não há excluídos, cuja caridade é prenúncio sensível do Reino, cinge-se com o cinturão da verdade, veste-se com a couraça da justiça, calça seus pés com o zelo de pregar o Evangelho, defende-se com o escudo da fé, resguarda-se com o capacete da salvação e empunha a espada da Palavra de Deus (cf. Ef 6, 14-17). Só assim o Reino começará a acontecer no meio de nós, com todos incluídos no abraço regenerador e misericordioso do Pai.

Famílias: poderia ser diferente?

Ana Maria Tepedino
Teóloga leiga

*"De tudo ao meu amor serei atento
Antes mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento"*
(Soneto da Fidelidade/Vinicius de Moraes)

Assim começam todos os relacionamentos. Mas quanto tempo dura tal intenção? Numa época em que todas as instituições estão se desmantelando, a família como vai? Tema da Campanha da Fraternidade de 94, e do Ano Internacional da ONU, parece que esta instituição, que já foi tão sólida está seriamente doente.

Neste final de século, fim da modernidade para alguns, princípios da pós-modernidade para outros, a primeira célula da sociedade provoca grave perplexidade.

A crise é bastante séria, porque o modelo tradicional fortemente idealizado está como roupa apertada demais e não serve, assim como se constata que um novo modelo ainda não apareceu. Não adianta tentar resgatar o modelo tradicional que está superado.

Existe, hoje, uma nova sensibilidade para percebermos diferentes modelos: o das classes médias, o das classes populares, tanto das classes operárias, como das famílias

rurais, as de ascendência afro, as famílias chefiadas por mulheres. Cada um destes possui uma dinamicidade própria.

No entanto, temos em comum a matriz patriarcal, influência dos colonizadores portugueses, mais o estilo familiar indígena assim como as estruturas familiares dos escravos africanos.

O patriarcado estabelece uma cadeia de dominações e dependências que acabam destruindo tanto quem é dominado(a) como quem domina. Este sistema é absolutamente desumanizador tanto para o oprimido quanto para o opressor. Pois, cria uma cadeia reprodutora de relações de dominação: o pai domina a mãe que por sua vez domina os filhos que reproduzirão esta mesma relação quando se tornarem pais e mães.

Não há possibilidade de continuar com este modelo. Devemos lutar juntos e com todas as forças para destruí-lo. É preciso desconstruí-lo para que seja possível um outro tipo

de relação.

No patriarcado atual como vai a mulher?

Elas ainda vivem oprimidas, embora algumas exceções já sejam visíveis. De qualquer modo as relações são desiguais. Se algumas mulheres já conseguem alguma paridade social, política, econômica, cultural devemos nos perguntar como são as famílias destas mulheres? Dentro das quatro paredes elas recebem colaboração dos companheiros, dos filhos(as) para que possam realizar seu trabalho fora do âmbito doméstico? Ou vivem uma dupla ou tripla jornada de trabalho que as torna esgotadas, sempre correndo para dar conta da "maratona" em que sua vida se tornou. Num grupo de mulheres de CEBs em S. Paulo uma mulher exclamou: "antes éramos escravas dos homens, agora, somos escravas da nossa liberdade!" Mal a mulher chega em casa, todos encontram algo para pedir-lhe. E muitas vezes para criticar.

E o homem como vai?

O homem se torna endurecido pelo processo de educação onde uma parte de si deve ser castrada, pois afinal, homem não chora. A ternura tem que ser escondida, os sentimentos deixados para segundo plano, pois eles são socializados para colocarem o trabalho em primeiro lugar, competirem para vencer na vida.

É interessante que, embora hoje a mulher participe ativamente no orçamento familiar, o homem continue se considerando o "provedor", e em

Deverá existir espaço para cada um crescer e se desenvolver, para que a união seja mais feliz, rica e fecunda.

consequência, caso fique sem emprego se considera um fracassado e muitas vezes se torne agressivo e violento.

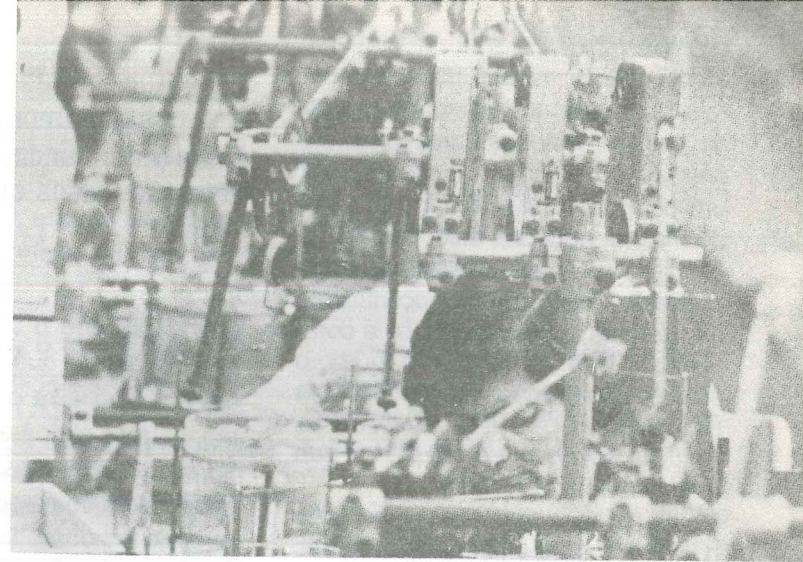
É possível reverter este quadro?

Nesta sociedade machista e patriarcal não há possibilidade de criação de um sistema onde as pessoas estabeleçam saudáveis relações de troca e de construção comum, relações de autonomia em que cada um(a) possa crescer e fazer desabrochar suas potencialidades, se tornando uma pessoa plenamente amadurecida e feliz. A autonomia é considerada como uma ameaça que deve ser contida, refreada, pois pode resvalar para a auto-suficiência que exclui o outro. Isso seria evitado se a autonomia fosse ligada, articulada com a *cumplicidade*, essa qualidade meio matreira de olhar junto o mundo, fazer planos e projetos de crescimento mútuo. Dessa forma, conseguiríamos um delicioso companheirismo. Acabaria a competição e nos alegraríamos com o sucesso do parceiro(a).

Reconstruindo uma história antiga

Articulando autonomia e cumplicidade estaríamos vivendo a reciprocidade, com respeito ao outro(a). Todo verdadeiro encontro com o ou-

O trabalho de fora de casa costuma resultar em dupla ou tripla jornada de trabalho para a mulher que continua acumulando as tarefas domésticas e profissionais.



tro(a) me altera. Para que isto se realize preciso estar aberto ao novo, atento e acolhendo o imprevisível.

O relato de Genesis 2,18-24 seguramente um dos dois relatos mais sexistas da Bíblia, sempre foi erroneamente interpretado como significando a subordinação da mulher, uma vez que ela foi criada depois do homem.

Este texto nos informa que Yahweh contemplando a criação percebeu que ela precisava ser aperfeiçoada, pois reconheceu que o homem estava só. Os animais e as aves não preenchiam a solidão humana, não bastavam como companhia. Faltava ao homem alguém com quem se comunicar. Resolveu criar uma companheira adequada, uma *auxiliar*, palavra que na Bíblia é aplicada ao próprio Yahweh nos Salmos 33,20 e 46,6. *Auxiliar* aqui tem o sentido de rocha, luz que ilumina, escudo que defende, fortaleza, asilo nos tormentos, escuta atenta, porto seguro. Nada mais contrário, portanto à interpretação de *auxiliar*

como aquela que vai fazer comida e cuidar da roupa do homem. Yahweh-Deus cria a mulher como um presente para o homem: "uma auxiliar que lhe corresponda". A palavra **corresponder** é muito rica, pois pode significar *responder com o coração*, que para o semita, significava a pessoa inteira. Os filósofos Heidegger e Levinas enfatizam que a correspondência é a atitude mais profunda que existe, porque é uma resposta com todo o ser e junto com os demais. Co-responder, pode também significar responder junto com os outros(as), isto é, comunitariamente. O filósofo M. Buber ainda descobre outro sentido: **cor** = paixão, **res** = coisa, **poder** = pôr, ou seja, podemos entender que a correspondência é a resposta mais profunda que existe.

Adão ao ver Eva exclama: "Essa sim, é carne da minha carne e osso dos meus ossos". Interessante que anteriormente o texto nos informa que Adão havia dado nome aos animais, enquanto que, neste momento, ele se expressa. P. Beau-

champs refletindo sobre este verso afirma que a mulher faz o homem falar, começar a se expressar, sair da solidão. Ela possibilita uma expressão nova. Adão reconhece nela um parentesco, alguém igual a ele, da mesma natureza dele, da mesma condição dele, esta **outra** (*alter*) que o **altera**. Depois deste encontro ele não é mais o mesmo. Ela é a companheira que lhe faltava, a ajuda, o auxílio, aquela que iria preencher a sua solidão!

"Ela se chamará 'ISHA', porque foi tirada do ISH".

O homem chama a mulher pelo nome. E. Levinas afirma que o outro ao me chamar pelo nome possibilita que eu descubra a minha identidade. Ser chamado pelo nome me obriga a aparecer, a ficar face-a-face e possibilita a descoberta mútua. O reconhecimento do outro faz com que eu me conheça melhor. Começa uma dinâmica de troca e de construção mútua. A dinâmica da reciprocidade. Brota, daí, uma comunidade mais forte do que qualquer outra.

Por isso *"o homem deixa pai e mãe"*, isto é, deixa seu mundo fechado, o mundo do mesmo, sua *totalidade fechada* para abrir-se para a alteridade, para a reciprocidade, para o distinto.

Filho + pai + mãe constituem uma totalidade fechada. O filósofo H. Dussel explica que existem duas antropologias: a antropologia de "totalização" que nega o outro como distinto; e a antropologia da "alteridade" aquela que se abre ao outro como distinto, põe-se frente a ele(ela) com atitude de respeito, de reconhecimento do outro enquanto

Quando duas pessoas resolvem constituir uma família estão revelando o amor concreto de Deus pelo mundo, expressando com suas vidas que Deus é Amor.

outro. Isso que o texto nos informa quando afirma que o homem deixa pai e mãe. Deixa o mundo do mesmo, para se abrir à alteridade, ao outro que é igual mas é distinto, reconhecendo-o como outro que me altera e me faz descobrir a mim mesmo. Esta abertura para o diferente pode fazer surgir a comunhão, a união.

"Sereis dois numa só carne". Homem e mulher se encontram, se descobrem, se encantam, se identificam numa comunidade de amor, realidade de união, de comunhão, sem esquecer que são dois, que estão juntos, mas que não deve haver fusão, não deve haver redução a um. Deverá sempre existir um espaço para que cada um possa respirar, crescer, se desenvolver para que a união seja mais feliz, mas rica, mais fecunda. E poderem juntos testemunhar amor, unidade, fidelidade.

Como viver esta desafiante e deliciosa experiência?

A experiência cristã nos responde: através da **espiritualidade**. Espiritualidade não é fugir dos problemas, pairando sobre a realidade, como um extra-terrestre. Isto é fuga, escapismo, espiritualismo. A espiritualidade é a relação com Deus, com o Espírito Santo que nos habita e move, e nos possibilita dar um

sentido mais profundo para a nossa existência. Ela nos faz entrar com mais intensidade na vida, na história, na realidade, nos engajando e comprometendo com as outras pessoas humanas. A espiritualidade é o fundamento da ética, da luta pela justiça.

Somos capazes de amar, de nos solidarizar, de nos comprometer com as outras pessoas porque *"Deus nos amou primeiro"* (1 Jo 3,20) e por isso temos capacidade de amar-nos uns aos outros. Vivendo o amor, homem-mulher, pais-filhos, irmão-irmão, homem-mulher-natureza experimentamos a presença vivificante do Espírito que cria homens e mulheres novos.

Homens e mulheres novos que terão condições de criar novas relações, novas estruturas sociais, uma realidade distinta, uma nova sociedade, um mundo novo, uma nova terra. Trata-se de um amor que vai crescendo dia-a-dia, que se multiplica pelo carinho inesperado e pela certeza de que a independência e crescimento de um é a alegria do outro.

Utopia? Não. Existem casais que ensaiam um novo tipo de relação mais partilhada. Numas Bodas de Prata de um casal amigo ele expressou como a relação deles havia sido constantemente re-criada para poder continuar existindo e tendo sentido. Aparentemente seria encarada como uma relação "tradicional", pois, afinal, já têm 25 anos de casados. Mas, na verdade, tiveram que passar por muitos momentos de crise para ir criando uma nova síntese, uma nova relação. Esta é possibilitada pela capacidade de valorizar os pequenos gestos, de procurar recu-

Somos capazes de amar, de nos solidarizar, de nos comprometer com os outros porque *"Deus nos amou primeiro"*.

perar as lembranças, sempre aberta ao novo, buscando uma nova compreensão e vivenciando muito o carinho.

A espiritualidade nos ajuda a relativizar os problemas e nos infunde humor para continuar a enfrentar a caminhada junto, na esperança de estar colaborando para viver a vida mais plenamente (tanto dentro como fora da família).

Na dinâmica do Espírito que nos habita somos levados a sair de nós mesmos, dos nossos egoísmos, dos nossos fechamentos para nos comprometer uns com os outros (homens e mulheres e vice-versa, jovens e velhos e vice-versa), nos engajando na construção da nova realidade.

A espiritualidade cristã invade a pessoa inteira, não permanece só na cabeça ou no coração, mas atravessa todas as nossas relações: com Deus, com as outras pessoas, com a sociedade, com a natureza. O Espírito nos torna filhos(as) de Deus e irmãos e irmãs entre nós, atualizando o amor e realizando a humanidade nova.

Ele nos leva a redescobrir e recriar os valores da família, que deveria ser o espaço de aprendizagem do que é ser verdadeiramente humano(a), espaço onde cada um(a) possa se desenvolver e ser aceito(a) com suas características próprias,

onde possa se expressar sem medo e saber que será aceito, pois é o espaço em que se experimenta ser amado(a). Neste sentido seria realmente espaço de encontro, onde apesar do corre-corre se descobriria tempo para olhar nos olhos, se dar as mãos e extravazar toda a ternura não importa o que der e vier. Porto seguro.

Como seria boa e realizadora esta vivência!

Num encontro com indígenas no México aprendi que eles conversam sobre seus sonhos. Desta forma o sonho de um se vai tornando sonhos de muitos e quando se torna sonho de muitos, vai acontecer, como expressa o poeta José Vicente.

Estaríamos construindo um mundo mais humano, mais de acordo com os planos de amor de Deus.

Afinal, que plano é este?

"Deus tanto amou o mundo que enviou seu Filho, não para julgar, mas para salvar" (Jo 3, 16). A maneira de agir de Jesus de Nazaré foi a vivência do amor solidário (cf. Mt 25, 31-46), do amor serviço (cf. Jo 13, 1-12) do amor afeição (cf. Jo 11, 1-44). A fonte deste amor é a relação com o Pai: "Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei no meu amor" (Jo 15, 9). Dessa forma ele estabelece a possibilidade de novas relações. Relações de pessoas com a mesma dignidade, pois filhos e filhas amados por Deus.

Quando duas pessoas resolvem constituir uma família estão revelando o amor concreto de Deus pelo mundo, estão expressando com

Na sociedade machista e patriarcal não há espaço para saudáveis relações de troca, de construção e autonomia.

suas vidas, que *Deus é Amor* (1 Jo 4, 8.16).

No entanto, a desafiante realidade de cada dia (miséria, fome, desemprego, carência de serviços básicos como expressa o documento de Santo Domingo 218), logo bombardeia aquela frágil plantinha que é o amor. Diante desta dolorosa realidade como é difícil um ambiente favorável para o diálogo do casal, para a convivência lúdica com as crianças, para a experiência gostosa do namoro, para a expressão completa da sexualidade.

Homens e mulheres precisam cada vez permanecer mais tempo fora de casa para "ganhar a vida". As casas parecem rodoviárias, num constante entra-e-sai em que, não existe nem tempo para uma refeição juntos, ou modelo "hotel" onde as pessoas só comem e dormem de baixo do mesmo teto. Não há mais tempo e espaço para uma convivência prazerosa, para derramar o bem-querer, condimentos absolutamente indispensáveis para uma gostosa relação.

A família e a relação estão num equilíbrio muito frágil, que desmorona na primeira crise, diante do primeiro desafio. Tradicionalmente havia uma pressão social e religiosa para manter a estabilidade. Hoje, existe uma busca muito grande de

Homem e mulher se encontram, se descobrem, se encantam, se identificam numa comunidade, de amor, realidade de união, de comunhão, sem fusão, sem esquecer que são dois que não se reduzem a um.



autenticidade, e as pessoas não permanecem juntas por nenhuma pressão externa. Por outro lado existe a ideologia do "descartável". Tão comum na nossa sociedade parece também contaminar a família, pois é comum escutar: "quando não der mais certo, separa". A fala sobre a separação é mais presente do que a fala sobre o amor. A perspectiva da construção de um projeto de vida, que vai sendo vivenciado através das crises e dos desgastes que a vida cotidiana provoca parece que não é muito cativante.

Grandes desafios aparecem: a religião não é mais considerada o eixo da sociedade, assim como a família tem seu âmbito de influência bem menor do que há algum tempo atrás. O grande poder de influência é exercido pelos meios de comunicação social, que estão a serviço de outros interesses e não dos valores de serviço à vida. Como estruturar uma nova possibilidade de família em que se possa viver o amor, em que se possa derramar a ternura e o

afeto tenha espaço para se expressar?

A esperança não nos deixa desanimar e nos anima a descobrir novos rumos

Mesmo diante deste quadro de cores sombrias é preciso afirmar que existem casais que buscam viver de maneira nova, mais integrada e partilhada sua relação. Vão ensaiando pequenos passos de uma experiência mais igualitária, sempre buscando articular esta novidade com um compromisso social. Claro, que os problemas são muito fortes, os desafios cada dia são maiores, mas o Espírito que sopra onde quer, não nos permite desanimar. E nem ficar de braços cruzados, é preciso ir descobrindo novos caminhos. É preciso acreditar na força do amor e ir realizando pequenos sinais de desconstrução do iníquo sistema patriarcal, e de construção de relações mais igualitárias, mais partilhadas, onde as pessoas sejam respeitadas nas

suas diferenças, e possam com autonomia e responsabilidade ir descobrindo seus próprios caminhos.

Os grupos de casais são uma ajuda eficaz para ultrapassar as crises e ir descobrindo comunitariamente novos caminhos para a relação. Assim como também, grupos em que se busque vivenciar a espiritualidade cristã são um poderoso alimento para a caminhada juntos.

Somos chamados (as) a criar uma cumplicidade para fazer frente à violência que nos cerca e nos cerceia. O Espírito que nos possibilita amar, viver a solidariedade e o compromisso dever nos sustentar, consolar e animar a viver a relação tu-a-

- *Que modelos ou estilos de casamento e vida familiar têm surgido e vão mesmo se tomando comuns, nos tempos atuais?*
- *Como avaliamos essas formas novas de união homem-mulher e de vida familiar?*
- *Novos estilos de união homem-mulher têm ajudado a superar o machismo? Estimulam o companheirismo?*
- *O que pode contribuir para a construção de uma verdadeira comunidade de amor no casamento?*
- *Como entender a espiritualidade cristã própria dos que se casam?*
- *Como vai a nossa própria união conjugal e a nossa vida familiar?*

Unicef quer salvar milhões de crianças

Para evitar que milhões de crianças morram no mundo inteiro até o ano 2.000, o Unicef estabeleceu sete metas prioritárias: reduzir em um terço as taxas de mortalidade infantil com relação a 1990; redução de 50% nas taxas de mortalidade materna com relação aos níveis de 90; reduzir em 50% as taxas de desnutrição grave e moderada entre menores de cinco anos com relação a 90; acesso universal à água limpa e ao

Os grupos de casais são uma ajuda eficaz para vencerem as crises e descobrirem novos caminhos para a relação.

tu, eu-tu-nós não só com relação aos filhos mas como abertura à sociedade. Só Ele pode nos fazer relativizar os problemas e redescobrir o humor para enfrentar esta realidade tão difícil. Só Ele faz o amor renascer das cinzas e criar algo novo, faz o amor ser fecundo e como diz o Quarto Evangelho dar muitos frutos e frutos que permanecem!

saneamento básico; acesso universal à educação básica e conclusão da escola primária para, pelo menos, 80% das crianças em idade escolar; redução de pelo menos 50% na taxa de analfabetismo de adultos com relação aos níveis de 90 e, por fim, proteção para as crianças que vivem em circunstâncias particularmente difíceis, especialmente em situações de conflito armado.



A vida contemplativa

Itamar Bonfatti

Ex-Presidente Nacional do MFC

É milenar a vida monacal da Igreja. Daí que os mosteiros não poderiam deixar de sofrer o fluxo e refluxo da instituição que ordena nossa vida religiosa, Igreja histórica essa a quem tanto amamos e tal como nós, sempre refletiu os vícios e valores de cada época.

O contexto que o tempo constrói é fato organizador dos quadros dos acontecimentos institucionais e enquanto organização humana – fronteira rígida da ótica desta reflexão escrita – não poderia ser diferente também na vida conventual, contemplativa.

Desde as comunidades essêni-

cas – e por que não lembrar aqui de Qumran como ponto inicial de referência, passando por João Batista com seu cardápio de gafanhoto e mel, assim como anacoretas e tantos outros – o afastamento das suas Comunidades não era um fim em si mesmo. Procuravam de fato comunhão plena com o mistério amoroso de Deus. O deserto era como um lugar do estar a sós, espaço da sede e do árido apresentando-se como canal de libertação na dedicação ao Deus que está sempre desejando revelar-se cada vez mais aos homens. Deserto assim significava purificação, desnudamento das exigên-

cias do coração e abertura em tudo diante do Absoluto.

Devemos passar também e necessariamente pela Idade Média – se pretendemos continuar nos organizando historicamente – para tocar nossa memória nos primeiros conventos medievais (séc. IV) chegando às clausuras dos mosteiros atuais onde vivem Comunidades Religiosas femininas, abordagem aqui privilegiada. No caminhar através dos séculos não poucas vezes a impregnação aconteceu exageradamente a ponto tal que em nossos dias muitas comunidades contemplativas correm o risco de se apegar às formas e aos meios tradicionais, chegando mesmo a defender o estatuto da clausura no rigor daquele Decreto do Papa Bonifácio “Periculoso et Detestabili”, escrito lá no séc. XIII.

De fato havia um temor – voltamos ao contexto de então – que as monjas pudessem “ser contaminadas” pelo mundo, assim como era um modo de se proteger da conduta de fato deplorável de alguns mosteiros. Tal rigorismo teve continuidade nas normas baixadas no Concílio de Trento (1545-1563) ratificadas mais tarde pelo Papa Urbano VIII (1622-1644). Na realidade estavam tais regras mais atentas à integridade física das religiosas do que realmente à vida de oração. Tanto assim que mais tarde tal situação foi aos poucos sendo superada.

Pulando séculos acontece o Concílio Vaticano II e com ele algumas revisões a respeito da questão. A Instrução “Venite Seorsum” (1969) embora fundamentalmente bíblica e teologicamente a existência da clausura, falava de normas menos rígidas,

A nossa realidade continental é totalmente diversa daquela onde brotou a maioria das instituições de vida contemplativa.

embora não se tenham traduzido na prática todas as conseqüências que os dados doutrinários poderiam ter trazido. Assim, algumas questões essenciais ainda não foram suficientemente enfrentadas e resolvidas. Fácil de se entender considerando que somos humanamente tentados à prisão das palavras esquecendo-nos do espírito das mesmas (cf. 2 Cor. 3, 6).

Somos também levados a crer como aqueles muros altos e portas hermeticamente fechadas – propostos na Idade Média contra assaltantes e inseguranças outras – acabaram isolando os mosteiros do mundo concreto, acentuadamente quando a comunidade era feminina. Tal contexto acabou reforçando – e por que não dizer reproduzindo e legalizando? – a visão dualista já em voga, justo aquela que separa alma-corpo, por via de conseqüência, vida de oração da vida de ação e por extensão lógica, realimentando a separação Igreja-mundo. Não foi difícil criar-se a idéia de que vida contemplativa deveria estar...” separada do mundo”!

A fé cristã não pode evitar infiltrações do dualismo acima referido. Nem mesmo a moral, a teologia e o modo de ser Igreja escaparam desta ótica desfocalizada. Por que a vida monacal ficaria imune a este contex-

to equivocado? Ilusão pretender que fosse diferente.

Chega em nossos tempos, com muita força, a desocultação dos conflitos. As distorções do platonismo são colocadas em questionamento. Surgem dificuldades na superação de um certo intimismo religioso. Alguns tentam encontrar saída simplesmente invertendo o processo alma-corpo, isto é, passam a refletir... corpo-alma. Contudo permanece a oposição-exclusão, com a acentuação invertida.

Outras áreas de pensamento, ainda na busca de separar a dita acentuação invertida, procuram valorar alma-corpo simultaneamente, vale dizer, o divino e o humano de Jesus Cristo, conseqüentemente Igreja-mundo e por extensão oração-ação, individual-social e assim por diante. Mas a oposição-exclusão permanece escondida culturalmente e com isto o conflito continua. Mais: não poucas vezes a busca torna-se cansativa com a tendência de retrocesso, considerando não ter havido integração fecunda entre os dois polos. Muitos justificam a permanência no processo dualista invocando a perda da referência na busca!

A vida contemplativa, objeto desta reflexão deveria estar diretamente aberta à integração-inclusão. Assumindo este momento torna-se matéria de oração e com isto tomará rumo natural em direção à humanização.

Nesta perspectiva diferente das posturas anteriores, a oração assumirá repercussão da ação, ajudando-a para que ela se torne mais aberta à vontade de Deus, mais solidária à

Os muros altos e portas fechadas propostos na Idade Média contra assaltantes acabaram isolando os mosteiros do mundo.

Comunidade e conseqüentemente inserida nas transformações humanizantes antes referidas. Como nossa língua portuguesa permite, por que não fazer aqui aquele jogo de palavras: ORA + AÇÃO = ORAÇÃO.

Na rigidez das atuais instituições de vida contemplativa – rigidez pelo menos sob nosso ângulo cultural – notam-se influências das suas origens, do tempo quando foram fundadas, próprias do contexto de onde vieram. Daí o por que já estão dando sinais de desconcerto se confrontada com a realidade do continente latino-americano e caribenho.

Se observadas à luz do concreto de nosso povo, sempre serão mal entendidas e defasadas do primeiro discurso político de Jesus feito naquela sinagoga (cf. Lc. 4, 18) onde Ele anunciou a que veio: libertar os pobres, os cegos e os maltratados dentro de uma sociedade excludente, tônica aliás que daria às suas falas, orações e atitudes daquele dia em diante.

A nossa realidade continental é totalmente diversa daquela onde brotou a maioria das instituições de vida contemplativa que estão hoje em nosso Continente. Cada vez mais se impõe fermentar a ação entre os analfabetos, os sem-terra e os sem-teto. Desempregados, prostitu-

tas, famintos e desnutridos. Também entre os mal assistidos pela política salarial, de saúde e de educação. Entre todos os excluídos, afinal. Uma vez construída pela ação transformadora desta realidade fazer-se a oração contemplativa pelos que sofrem e pedindo discernimento à próxima ação transformadora. Somente assim a oração será concreta!

Vida contemplativa na nossa realidade – insiste-se nela para não se cair no equívoco secular do eurocentrismo – deverá percorrer a linha integração-inclusão, desaparecendo o conflito embutido na oposição-exclusão. Cada comunidade com o seu carisma, uma vez que os dons do Espírito Santo de Deus não podem ser aprisionados dentro de parágrafos e capítulos de normas disciplinares. Bom recordar que os dons já mencionados são manifestos de Deus que se revelam em seus filhos destinatários privilegiados da sua gratuidade.

Não mais se justifica – aqui uma crítica mais frontal à tendência perversa da uniformidade na Igreja histórica, tão diferente da Igreja da Unidade, mais crítica esta porque se expressa como divina na medida em que respeita a pluralidade na unidade com notório crescimento e amadurecimento da mesma unidade.

Bom lembrar que na busca de nivelar tudo – incluindo aqui a vida contemplativa nas suas variadas experiências – se poderia afagar nela o perigo de uma nostalgia exacerbada na Igreja histórica, no pós-Concílio Vaticano II, muito conhecida como romanização.

A vida contemplativa para nosso

Cada vez mais se impõe fomentar a ação entre os analfabetos, os sem-terra, os sem-teto, desempregados, prostitutas e famintos.

Continente é um desafio à práxis da Igreja. Daí que nossos Pastores em Santo Domingo (1992) evidenciam a importância da inculturação, justo a partir da unidade, dentro da pluralidade. Ou será que as comunidades contemplativas estariam excluídas ou dispensadas de uma vida intensa de oração na “liturgia, símbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com o claro sentido da fé mantendo o valor dos símbolos universais” (SD 248)?

Não podemos mais ficar parados no meio do caminho, olhando para os lados à espera de alguma novidade salvadora. Afinal embalar ilusões é fora de propósito. A renovação e revisão da vida contemplativa, a conversão da mesma à nossa latino-americanidade, será de difícil concretização, considerando a mentalidade rigorista e dogmática que existe dentro da Igreja enquanto instituição humana. Mas alguém terá de ir à frente para construir espaços abertos para o Povo de Deus orar e caminhar liberto.

Depois virá a brotação! Os que se opunham ontem passarão a caminhar ao lado de quem na frente deles, caminhava há pouco tempo. Na busca de novas expressões de vida contemplativa em nosso Continente, as interrogações e as dúvidas deverão continuar a ser experimen-

Nenhuma comunidade contemplativa deve estar despreparada para os conflitos crescentes dos tempos de hoje, cada vez mais desocultados.

tadas pela vida consagrada. São dificuldades próprias dada a sua natureza de “separação”. Mas a caminhada deverá continuar. Afinal o Reino é maior que a palavra escrita, e infinitamente maior do que a Igreja histórica.

Nenhuma comunidade contemplativa deverá estar despreparada, considerando que os conflitos, crescendo a partir dos tempos de hoje, serão cada vez mais desocultados. Mesmo quando tais conflitos forem bem primários como o fato de as ordens femininas contemplativas ainda possuírem... governos masculinos!

Todas as contradições neste quase séc. XXI – faltam apenas cinco anos! – são frutos históricos aos quais as limitações humanas têm dificuldades naturais de enfrentar, tal a impregnação já feita em nossa maneira de ser e de agir dualista. Sem falar no aprendizado teológico e catequético muitas vezes torcido e oferecido aos cristãos através dos séculos, muito mais na forma de catequese impositiva do que evangélica vivencial.

- *Que reflexões nos suscitam as idéias do autor deste artigo?*
- *Como poderia ser a vida contemplativa frente à realidade atual?*



Peça os números que faltam na sua coleção

Pedidos de números já editados e assinaturas de números futuros devem ser enviados à Livraria do MFC

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
30160 Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 222-5842

De repente, ao entardecer

E. Gallejones
Psicólogo e Sociólogo

De repente, ao entardecer de um dia aparentemente como todos os outros, a gente pára um instante para escutar uma voz que, saindo lá do mais fundo, faz força para vir à tona. De repente... a gente escuta a gente mesmo dizendo: "Pois é, estou ficando velho!"

Se a gente nasceu numa família rica ou pelo menos remediada, se nunca faltou à gente o suficiente na vida, se teve acesso aos recursos da medicina moderna e levou uma vida mais ou menos regrada, a gente tem muita chance de chegar aos sessenta, aos setenta, aos oitenta e com um pouco de boa sorte, aos noventa anos de idade. Hoje vive-se muito mais tempo, em média, do que apenas três quartos de século atrás e vive-se sem a maior parte das doenças e outras mazelas que aperreavam a existência dos nossos antepassados. Naqueles tempos uma pessoa de sessenta anos era... isso, um sexagenário. O jornal noticiava: "Sexagenário é empurrado na rua e quebra perna" – e os leitores mais sensíveis reagiam, chocados: "Coitado do velhinho!". Se os leitores, além de sensíveis, eram críticos acrescentavam irados: "Mas como deixam pessoas nessa idade andarem sozinhas pelas ruas!". Hoje a palavra "sexagenário" é pouco usada e perdeu quase tudo o que tinha de patético. O sexagenário de ontem é

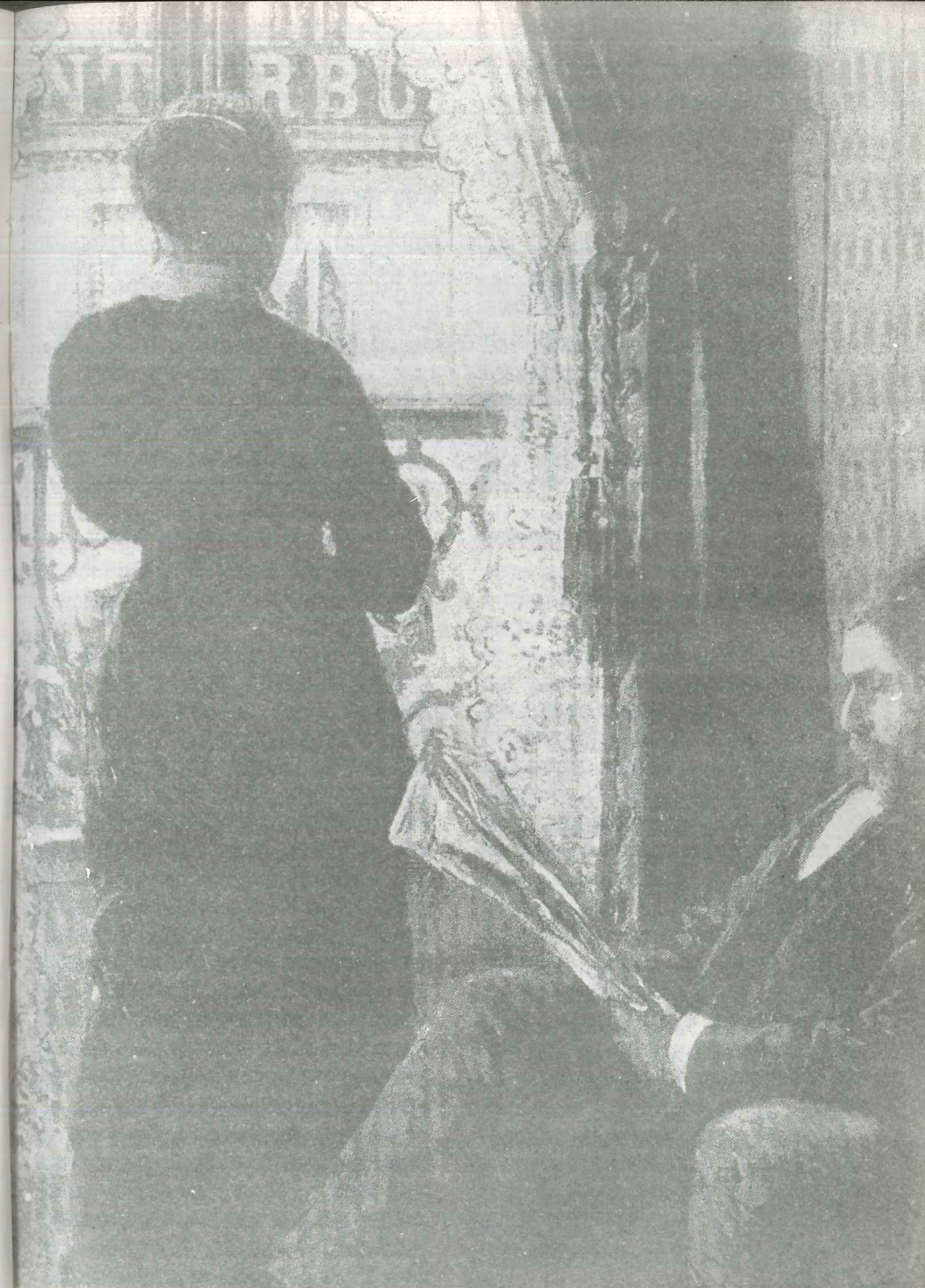
o octogenário de hoje. Mas, assim mesmo, o dia chega e, muito antes de atingirmos o limite da nossa idade, a gente pára um minuto para escutar e escuta a si mesmo dizendo: "Pois é, estou ficando velho".

De pouco adianta que almas caridosas queiram animar a gente com: "Que nada, você está ótimo", "Velhice e juventude são estados de espírito", "Quantos com bem menos anos gostariam de estar como você" e coisas assim. A voz de lá do fundo acaba vindo à tona: "Estou ficando velho!"

Ficar velho é... ficar velho

A gente enxerga pior, escuta com mais dificuldade, fica mais cansado, tem menos paciência, se interessa por menos coisas, uma dorzinha aqui, um reumatismo lá e toca a tomar remédios que são ótimos... para os donos dos laboratórios e das farmácias.

Acontece com os homens e com as mulheres. Há coisas na velhice comuns aos dois sexos e coisas que acontecem mais com os homens do que com as mulheres e ao contrário. Além disso, os velhos modernos, que chegaram à velhice mais tarde do que os seus antepassados, têm uma velhice também bastante diferente.



"Interior: mulher à janela (1880), de Gustave Caillebotte.

Os velhos modernos que chegaram à velhice mais tarde são bem diferentes dos seus antepassados.

Começemos pelas diferenças de acordo com o sexo.

A velhice costuma encontrar os homens em "estado de aposentadoria". Falo em estado de aposentadoria para referir-me à *aposentadoria de fato* não à *aposentadoria pelo INPS*. Pelo INPS o brasileiro esperto pode se aposentar com menos de cinquenta anos mas, sendo esperto, continua a trabalhar com o que essa sua aposentadoria pelo INPS não o coloca em estado de aposentadoria mas em *estado de recebimento de uma aposentadoria*. Longe de ser um trauma, isso é motivo de euforia, porque o brasileiro esperto continua saindo todas as manhãs para o trabalho, passando o dia no escritório ou na oficina, comemorando o fim de expediente no boteco da esquina e chegando à tarde em casa para um jantar feliz sem a balbúrdia e as amolações das crianças pequenas e o mau humor da mulher esgotada após um dia de luta inglória com as ditas crianças, o colégio das crianças, a faxineira ou o tanque de roupa, a vizinha impicante e o fogão de quatro bocas em que só duas funcionam. E, para cúmulo da felicidade, o brasileiro esperto vê a sua renda mensal duplicada e um montão de anos de vida a esperá-lo na curva daquela abençoada aposentadoria pelo INPS.

Mas como tudo chega, a apo-

sentadoria de fato acaba se impondo. Um dia já não dá mais e o brasileiro esperto se aposenta. Se aposenta mesmo. De vez.

Lua de mel

Por uns tempos – um mês, cinco ou seis semanas – é uma nova lua de mel. Levantar às nove, ficar de pijama até as dez e meia, dar uma volta pelo quarteirão com a mulher, tomar um chope (chops, se é paulista), o papo com a turma, o carteadado, a novela das oito, o jogo na Bandeirantes, aos sábados uma volta de carro e aos domingos a pizza com os filhos e os netos que aparecem lá em casa. É a vida que sempre pediu a Deus e só agora ficou sabendo.

Mas com a chegada do segundo extrato do banco, soa o primeiro alerta. A poupança parou de crescer. Com o segundo extrato, o segundo alerta. A poupança está diminuindo. E as despesas com médicos e remédios aumentaram, os filhos deixaram de ser crianças mas não deixaram necessariamente de ser irresponsáveis e é preciso continuar ajudando, e crescente aquilo de que a gente enxerga um pouco pior, escuta com mais dificuldade, fica mais cansado, uma dorzinha aqui, o reumatismo lá e a voz que vem do fundo: "Pois é, estou ficando velho". Aí é trauma para ninguém botar defeito.

Com as mulheres também acontece mas geralmente com menor intensidade. Talvez devido a que, mesmo nos tempos atuais, o trabalho fora de casa não costuma ser, para ela, a atividade vital absorvente que é para os homens. A mulher se

identifica mais com outros interesses, além do trabalho profissional. Principalmente com a família, afimpreendidos filhos, marido e parentes. Além do que, no casamento, ela costuma ser o elemento mais jovem e, quando o marido começa a baquear, ela se sente motivada, mais uma vez, pela missão de ser o apoio moral, físico e psicológico dele. A hora crítica, verdadeiramente traumática, da mulher costuma chegar com a viuvez. E mesmo nessa hora a mulher tem... o tricot.

O capítulo das crises

Os manuais de sociologia da família incluem sempre um capítulo sobre *as crises nas relações familiares*. Aparece uma crise no seio de uma família toda vez que, pelo motivo que seja, uma mudança altamente significativa cria uma situação que a pessoa ou o grupo não consegue administrar satisfatoriamente. As crises podem se originar num membro (desemprego prolongado do pai, filho com grave problema de drogas...), no grupo (divórcio, ...) ou fora da família (desastres da natureza, guerra, forte perturbação social,...). Dependendo da posição sócio-econômico-cultural que ocupa a família, as crises podem ser diferentes e diferentes também as suas manifestações. Por exemplo, a separação do casal pode afetar desigualmente o grupo dependendo da idade em que os filhos se encontram, a deficiência mental de um filho pode ser causa de uma crise maior ou menor dependendo do nível de educação e econômico do grupo, etc.

As crises possíveis são inúmeras.

A população idosa cresceu enormemente porque hoje se vive muito mais que em tempos passados.

ras: *doença grave ou crônica, deficiências e doenças mentais, problemas de personalidade e de comportamento* (alcoolismo, jogo, drogas), *divórcio, separação, abandono, morte ...* A velhice, com seu séquito de consequências desagradáveis, tem um lugar de destaque no capítulo das crises familiares.

Por que é problemática

Algumas das razões já foram ditas.

A maior de todas está no fato de que hoje vive-se muito mais do que em tempos passados. A população idosa cresceu enormemente. Há muito mais velhos. Mais velhos mais velhos. Isso cria problemas de vários tipos, sendo que os de caráter econômico têm maior visibilidade dentro da comunidade ampla e os de caráter emocional dentro do grupo familiar.

Mas isso, por si só, não deveria, necessariamente, provocar uma crise no grupo familiar. Acontece, porém, que outros fatores sócio-culturais intervêm complicando até os limites máximos a vida do idoso e a dos membros do grupo a que ele pertence. Passemos em revista alguns deles sem nos preocuparmos excessivamente com a ordem de chegada nem com a sua importância.

Um desses fatores é o valor

A participação do idoso nos interesses do grupo familiar deve ser constantemente incentivada.

atribuído, nas sociedades modernas, à força e à vitalidade identificadas, obviamente, com a juventude. O "culto à juventude", de que tanto se ouve falar e que é um fato por demais evidente, nasce daí. Identifica-se juventude e força, juventude e vida, juventude e beleza física, juventude e maior produtividade. O contrário, claro, também aqui é verdadeiro. A supervalorização da juventude leva implícita a desvalorização da velhice. A pessoa idosa sabe disso e, sentindo-se idosa, se não for dona de uma auto-estima à prova das maiores evidências, percebe-se feia, fraca e fora de forma (a síndrome dos quatro Fs fatais). Passa a considerar-se um peso para a sociedade e para o seu grupo. Daí a imaginar-se inútil, deslocada e preterida a distância é tão curta quanto os seus passos de anciã. O que mais é preciso para uma crise?

Pois se é preciso mais, pensemos nos agravantes próprios da idade avançada que não são fruto de preconceitos: o organismo vai de fato ficando mais fraco e menos resistente às doenças, o sistema ósseo é menos denso e mais sujeito a fraturas, o coração tem menos força, o sistema nervoso se debilita, a circulação do sangue é mais difícil, a memória falha, etc.

Estudos recentes constatarem que ainda existem regiões (a China especificamente) onde continua exis-

tindo um certo respeito cultural pelas pessoas de avançada idade depositárias, pensa-se, de particular sabedoria. Mas não é isso, nem de longe, o que acontece em nossas sociedades de cultura ocidental e mesmo nas mais tradicionais (pensamos no caso do Japão e da Índia) trata-se de um valor em queda precipitada.

Acrescente-se que, como também já dissemos, a renda familiar freqüentemente cai com a passagem para o que chamamos estado de aposentadoria (viva-se com uma aposentadoria brasileira se a gente não foi da Petrobrás ou do Banco do Brasil). O futuro da pessoa idosa pode ser curto, mas a insegurança pode ser terrível. Acrescente-se distanciamento físico e psicológico dos filhos, a sensação de não mais fazer parte da vida deles, a perda lenta mas inexorável dos amigos mais chegados e, finalmente, a temida viuvez.

Administrar a crise

A crise provocada pela velhice é inevitável na quase totalidade dos casos. Uma vez instalada só resta saber como administrá-la.

O gerenciamento das crises familiares, sejam do tipo que forem, nunca é fácil. O das provocadas pela velhice não só não é exceção como é particularmente difícil. Em primeiro lugar porque *o grupo familiar inteiro é atingido* incluindo os membros (genros, noras, netos, ...) que foram se agregando ao longo dos anos. Em segundo lugar porque desses membros e de todos os outros *são exigidas renúncias constantes e por vezes, dolorosas* (de comodidades e

A hora crítica e traumática da mulher costuma chegar com a viuvez.



freqüentemente de dinheiro). Em terceiro lugar porque *se trata de uma situação com tempo de duração não definido*. E em quarto e último lugar porque *o desenlace nunca é feliz*. Podem aparecer e com a maior virulência, as incompatibilidades de temperamento e os ressentimentos alimentados ao longo dos anos bem como as divergências culturais e generacionais a que aludem as conhecidas expressões: "O pessoal de hoje não é como o de antigamente", "Quando é que nós fomos agir dessa maneira", "A vovó (o papai, a minha sogra, ...) não evoluiu", "Eles têm que se convencer de que o tempo deles já foi", etc.

O quadro que se acaba de pintar pode parecer sombrio em excesso e o autor sabe muito bem que não retrata fielmente a realidade de todos e quem sabe se nem da maioria dos casos. Mas o autor quer chamar a atenção para as máquinas de sofrimento em que se transformam tão a miúdo as chamadas crises da velhi-

ce. Máquinas que esmagam não só as pessoas idosas, mas também as pessoas mais chegadas a elas e o grupo familiar. E, mais do que para a inevitabilidade das crises da velhice, o autor deseja chamar a atenção para a necessidade de se providenciar o alívio possível delas por meio de uma ação combinada de forças internas e externas ao grupo familiar.

O grupo familiar tem que saber da necessidade de se preparar, com a maior antecedência, para a travessia desse período difícil e inevitável tomando as providências cabíveis tanto de ordem material como psicológica. Não devem ser ignoradas nem desprezadas as pensões e as aposentadorias por muito pequenas que sejam. Seguros e poupanças complementares devem ser feitos sempre que possível tendo em conta que as inseguranças no campo das finanças pessoais são uma das principais causas de estresse nas pessoas de idade avançada. A coesão entre todos os membros, manifesta-

da através de visitas e de outros tipos de contato (telefonemas, cartas, ...) tem que ser promovida ao longo da vida, digamos, adulta do grupo e reforçada logo que a crise se instala. A participação do membro idoso nos interesses do conjunto deve ser constantemente incentivada.

O aumento proporcional da população idosa nas sociedades modernas tem uma consequência de caráter político que pode e deve ser aproveitada. Crescendo o número de idosos, cresce também seu peso político. Os próprios idosos e seus familiares têm que se valer disso para conseguir de legisladores e governantes uma ação que os beneficie (aposentadorias dignas, assistência médica melhor e mais especializada, reserva em favor de pessoas de terceira idade de determinados postos de trabalho, promoções educacionais e culturais, ...). Em visita recente a um país estrangeiro, o autor deste artigo pode observar como as pessoas idosas eram preferentemente aproveitadas no setor governamental de serviços na área cultural (por exemplo nos museus e determinadas áreas de lazer). Outras áreas devem existir onde possam também ser aproveitadas sem o menor prejuízo para o bem comum.

A contribuição oficial e pública para que as crises provocadas pela velhice sejam mais contornáveis deve ser acompanhada pela ação espontânea das comunidades e das entidades particulares. A criatividade assistencial encontra aqui um cam-

po infinito de expansão. Penso em programas do tipo *Meals on Wheels* (*Refeições sobre rodas*), que o autor conheceu em uma das suas idas e vindas pelo mundo, para a distribuição de refeições (não necessariamente gratuitas) a pessoas que vivem reclusas em casa sem condições de cozinhar elas mesmas. As igrejas e demais organizações podem prover a população idosa não apenas com ajuda material, mas também com a organização de atividades culturais, educacionais e recreacionais. Um setor especializado da terceira idade poderia encontrar grande receptividade se organizado por associações como o **Movimento Familiar Cristão** e congêneres.

Conclusão

Cada tempo e cada lugar tem as suas preocupações. No nosso tempo e em lugares como o Brasil as preocupações vêm de campos tão numerosos, tão diferentes e todas tão prementes que só as almas muito serenas e corajosas são capazes de enfrentá-las. Tratei nestas páginas de um problema social e familiar dos mais atuais que, com o passar do tempo, só deverá ficar mais grave. O criado, para elas e para o seu grupo familiar, pelas centenas de milhares de pessoas que a cada dia param, de repente, e escutam aquela voz que lá do fundo vem à tona: "Pois é, estou ficando velho!".

- *Que atividades, ocupações e formas de lazer poderiam ser oferecidas aos idosos – e normalmente não são?*
- *Como preparar-se para a "terceira idade"?*

Ideologia e afetividade na relação professor-aluno

Mary Suely Souza Barradas
Mestre em Educação e membro do
Núcleo de Educação da PACS

Nestas últimas décadas, questões relativas à educação foram discutidas à luz de uma análise de inspiração marxista. Assim, sob a influência de Bordieu, Passeron (1967), Baudelot e Establet (1971), os educadores passaram a se interrogar sobre as razões das desigualdades sociais nos sucessos escolares. Mostraram os autores que os problemas que as crianças da classe popular enfrentam nas escolas, quer sejam de adaptação, quer sejam de aprendizagem não são problemas intrínsecos a elas.

Para Bordieu e Passeron, a escola seria uma das formas de perpetuar as relações de força da sociedade, selecionando e eliminando os filhos dos trabalhadores do gozo do conhecimento.

O mau desempenho ou indisciplina são, em grande parte, resultado da estranheza dessas crianças aos padrões fixados pelo grupo social dominante.

Ao mesmo tempo que o sistema educacional promove aqueles que, segundo seus padrões e mecanismos de seleção, demonstram-se aptos a participar dos privilégios e uso do poder, ele cria, sob a aparência de neutralidade, os sistemas de pensamento que legitimam a exclu-

são dos não privilegiados, convencendo-os a se submeterem à dominação sem que percebam o que fazem. Cada um deve pensar que tem oportunidades iguais e que seu progresso depende exclusivamente de suas qualidades individuais.

Violentados na sua possibilidade de conhecer, são persuadidos a acreditar que são inferiores ou inadequados e por isso ocupam uma posição inferior na sociedade.

Certamente, o ato educativo é um ato político e o lugar que o indivíduo ocupa na escola é, em parte, determinado por sua situação social.

Submeter-se à violência dessa relação torna-se possível devido à autoridade dos adultos, cercada de valores e emoções que tornam inquestionável tal autoridade. A sala de aula converte-se, assim, num espaço ideológico-afetivo.

Somente a reprodução de uma relação de dominação garantirá, enquanto realidade subjetiva, constituindo os indivíduos identificados com o lugar que ocupam nesta relação, a possibilidade de reproduzi-las diversas situações de vida.

Se existe uma luta ideológica, o professor tem um papel específico a desempenhar quando transmite consciente e inconscientemente

A palavra do professor traz um mundo desconhecido e fantástico que o aluno se esforçará para alcançar ou sofrerá por não conquistar.

uma ideologia no cenário da relação ensino-aprendizagem.

Se nos parece importante estudar de perto o aspecto afetivo desta relação é porque, num primeiro momento, é o professor que aceita ou rejeita o aluno, estabelecendo vínculos básicos e essenciais entre crianças e o mundo, através dos quais ela passa a se reconhecer e a reconhecer o outro numa relação de reciprocidade.

O professor como pessoa que detém o saber, autorizado a cobrar dos alunos o cumprimento de determinadas normas de comportamento, é valorizado por estes, constituindo-se como fonte de identificações significativas.

Desejoso de aceitação e aprovação, o aluno busca o tempo todo o reconhecimento do mestre.

Afirmamos, então, que a prática docente se dá sobre a base concreta das relações sociais de produção de modo algum excludentes dos fortes investimentos afetivos que modelam o cenário de sedução do processo de dar e receber informação na produção do conhecimento.

Essa dimensão afetiva é o reconhecimento de que, na vivência da relação professor-aluno, o aluno atualiza conteúdos familiares significativos, estruturadores de sua personalidade para os quais o professor

ocupa um lugar privilegiado.

Para a criança, a escola é um espaço vivo de interferência positiva ou negativa nas estruturas relacionais que marcam sua história de vida.

A palavra do professor traz um mundo desconhecido e fantástico. O aluno se esforçará para alcançá-lo ou sofrerá pela estranheza de não poder conquistá-lo.

Avaliando, valorando e premiando, a escola pode se constituir num espaço muito importante: o de oferecer a oportunidade de cada um receber valoração positiva e estímulo pelo seu investimento e capacidade de conhecer o mundo.

Apreciado pelo seu professor, o aluno poderá inclusive recapturar o sentimento de potência e domínio perdido sobre as pessoas, nas quais baseava sua auto-estima.

Nada mais gratificante que o sentimento de potência porque afirma que alguém é capaz de ser aquilo que pode ser.

Uma nova demonstração de amor, uma mensagem de admiração a determinado traço que porventura os pais não lhe tenham dado atenção, entra em um circuito reassegurador de seu equilíbrio emocional.

A colocação do professor como um outro significativo, capaz de servir de ponto de referência para identificações importantes para o desenvolvimento do aluno, como um sujeito desejante, consciente, crítico, confiante, amoroso, transformador, é o reconhecimento inclusive de uma direção a seguir, na busca de uma intervenção pedagógica que possa favorecer os alunos da classe popular na luta pelas transformações das



Transformar a sala de aula num espaço onde todas as idéias possam ser discutidas e todas as posições manifestar-se.

relações políticas.

Se comprometido com a transformação, é preciso destronar-se do autoritarismo, abandonando o desejo de ser reconhecido como único portador de um saber sem falhas, trans-

formando a sala de aula num local, onde todas as idéias possam ser discutidas, onde todas as posições possam manifestar-se, onde o debate, a crítica e o desejo de ser reconhecido tenham audiência.

- As condições de trabalho favorecem o desempenho dos professores segundo a proposta formulada pela autora?
- Os professores estão, em geral, preparados para estabelecer esse modelo de relação com os alunos?
- Temos experiências pessoais a relatar, como professores ou como pais de alunos?
- Como deveriam ser a relação professor-aluno, e a relação pais-professores-escola, em condições ideais?
- Como podemos colaborar na busca desses ideais? O que devemos exigir dos governos e o que podemos começar a fazer por nós mesmos?

*"Quando faltam idéias, sempre se acham palavras para substituí-las."
(Goethe)*

Sempre que pensamos em família nos vem a imagem de nossa experiência; nosso pai, mãe, irmãos e irmãs. Imagens reproduzidas nas nossas lembranças. No entanto, esse modelo está passando por modificações e transformações.

A família é o lugar onde aprendemos a compreender o mundo e a nos perceber através, especialmente, de expectativas que os nossos pais têm de nós. Por isso, nossa identidade se desenvolve dentro desse núcleo social. O que significa ser pai e mãe? Respondendo a essa questão, um casal percebe um conjunto de sentidos mais precisos, capazes de nortear a decisão de ter filhos. Assim, a relação dos pais com os filhos está marcada por um conjunto de fatores e sentidos presentes no momento em que um homem e uma mulher decidem ser pais. Mas a resposta não é tão fácil.

A origem da família

O modelo familiar que conhecemos é produto de uma lógica do sistema social. Engels, no seu livro "A origem da família, da propriedade privada e do estado", apoiando-se nas pesquisas de L. Morgan, elaborou uma teoria sobre sua gênese. Para ele, a família monogâmica surgiu com o aparecimento da propriedade privada e sua finalidade seria a de garantir a transmissão da herança a filhos legítimos. A sexualidade da mulher seria de uso exclusivo do homem, o que resulta na importância dada à fidelidade e à virgindade da mulher. Isso gerou o que hoje percebemos nas diversas classes sociais: a dupla moral para com r

A família e a crise de modelos



Deise Mirian Rossi Menezes
Psicóloga e professora da PUC/SP

meninas e meninos, a moral castradora imposta sobre a mulher e a maior permissividade colocada para o homem.

A atual organização familiar só pode ser entendida dentro do contexto histórico e social. De acordo com o psicólogo José Roberto Tozoni Reis, a família não é algo natural, mas uma instituição criada pelos homens, que se constitui de forma diferente nos diversos períodos históricos. Serve para satisfazer uma necessidade social. Hoje, ela satisfaz o sistema em que vivemos ou, na maioria das vezes, sobrevivemos. Como? A função familiar está ligada a uma finalidade ideológica. É ela que ensina a seus membros a maneira como se comportar fora da esfera familiar, enfocando especialmente um respeito/submissão aos diferentes poderes com os quais os filhos convivem: escola, comunidade, sociedade. Alimenta também o sentimento de luta pela sobrevivência, numa perspectiva individualista, que acaba reproduzindo as estruturas da sociedade.

Assim, a família também é responsável pela reprodução da ideologia dominante. Ainda segundo Tozoni Reis, os pais ensinam a ver a família e o mundo das relações sociais como algo natural, universal e imutável. As consciências domesticadas, não comprometidas com a transformação da realidade, também são gestadas na família: o poder do pai e, muitas vezes seu autoritarismo; depois a autoridade do professor, do padre e do patrão, levando, geralmente, o sujeito a se submeter.

Quando a família favorece a

A relação dos pais com os filhos está marcada por um conjunto de fatores e sentidos presentes no momento em que um homem e uma mulher decidem ser pais.

passividade dos seus membros, acaba inviabilizando a participação na construção de uma sociedade democrática. Passividade não combina com cidadania, não combina com a participação nas organizações da sociedade civil. "É a maneira peculiar com que a família organiza a vida emocional de seus membros que lhe permite transformar a ideologia dominante em uma visão de mundo, em código de condutas e de valores que serão assumidos mais tarde pelos indivíduos", nos lembra Tozoni Reis.

A maneira como uma família lida com os conflitos, reflete na forma como seus membros trabalham os conflitos sociais mais complexos. O conflito parece ser a forma visível de um conjunto de papéis que não satisfazem mais os indivíduos. Os papéis são reproduzidos a partir dos modelos da nossa relação com nossos pais. Por exemplo, o papel da mãe, pai e filhos não definem e não esgotam o humano.

A cristalização de um papel,

A repressão sexual deveria dar lugar à construção de sujeitos integrados com o corpo e com os desejos.

como o caso de uma mulher que vive a vida toda como mãe e dona-de-casa, faz com que a pessoa perca o contato com outras possibilidades de ser: a mulher, a profissional, a companheira, a aluna. O problema é que cada papel possui um conjunto de valores, comportamentos e códigos rígidos que refletem uma estrutura criada pela cultura, pela ideologia dominante. O papel de pai, por exemplo, até pouco tempo atrás, era sinônimo de autoridade, presença opressora, responsável pela manutenção do lar, pessoa que deve ser obedecida.

Repensando modelos

No momento em que percebemos muitas mudanças sociais, precisamos também nos perguntar se de fato a família está mudando. Só uma família capaz de trabalhar com seus conflitos, questionar os papéis de seus membros, pode facilitar a formação de pessoas capazes de exercer uma ativa participação social.

É no núcleo familiar que se desenvolve a personalidade, a identidade, a consciência política. Por isso, o modelo familiar precisa ser repensado. As relações dos membros do grupo familiar poderiam ser menos hierárquicas; a repressão sexual deveria dar lugar à construção de sujeitos integrados com seu corpo e com seus desejos, que assumem a responsabilidade pelos seus destinos. Um lugar onde os papéis não sejam apenas reproduzidos, mas também reelaborados.

Isso supõe que as crises e os conflitos não sejam patologizados.

Dupla moral para meninos e meninas: castradora para a mulher e permissiva para o homem.

Não sejam vistos como situações negativas, mas como oportunidades para nos revermos, para entrarmos, assim, em contato com as nossas contradições. As crises e conflitos possibilitam o questionamento de

- *Quais as mais visíveis mudanças que estão acontecendo na família, nas relações familiares e nos papéis dos seus membros?*
- *Que valores novos e que desafios nos trazem essas mudanças? Como as encaramos?*
- *Como pode a família ser agente de mudanças na sociedade, para que haja mais justiça e menos desigualdades?*

Saiu a 2a. edição de Fato e Razão 24, número especial totalmente dedicado à família, o melhor presente

Para atender à grande procura, o MFC reeditou esse número especial da sua revista, que estava esgotado. São 120 páginas de matérias sobre casamento e família.

Pedidos para a Livraria do MFC

R. Espírito Santo, 1059 / 1109 - CEP 30160-031 Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 222-5842.

papéis, obrigam as pessoas a deixarem de se esconder atrás das máscaras ou representações. Ajudam a perceber que a vida é processo, movimento, metamorfose, contínua construção e desconstrução de identidades e papéis.

Cientes que a família é a principal responsável pela construção da identidade do ser humano, precisamos estar abertos a outros modelos, abertos a outros modos de ser, que possam gerar pessoas mais integradas e politicamente conscientes.



A espiral da violência

Frei Betto
Escritor

Fome não se combate apenas com prato de comida. Digerida a esmola em forma de alimento, dilata-se de novo o oco na barriga, buraco negro da cidadania. Não basta dar de comer ao faminto. É preciso evitar que haja pessoas desprovidas dos bens essenciais à vida. Para que o direito à cidadania não fique restrito aos discursos políticos, o combate à fome exige, no mínimo, reforma agrária, distribuição de renda e escolarização compulsória de todas as crianças.

O mesmo se aplica à violência. Não é um fenômeno restrito ao Rio de Janeiro. Nova Iorque é mais perigosa que a favela da Rocinha. Em São Paulo, Salvador ou Porto Alegre os assassinatos fazem parte do cotidiano. O grave é quando os narcotraficantes infiltram-se nas malhas da polícia, corrompendo oficiais e delegados, obtendo armas privativas das Forças Armadas e delimitando territórios sob o seu comando. Faz bem o governo em mobilizar o Exército numa ação de profilaxia das polícias civil e militar do Rio. O traficante, como o político corrupto e o empresário especulador, é filho da impunidade. Porém, é preciso que o Exército não cometa o erro de certo telejornalismo espúrio que já não distingue morador da favela de traficante. Não se pode aplicar às favelas o que recomendava certo inquisidor: "Matemos todos, Deus saberá

quem são os inocentes e quem são os culpados".

A violência do narcotraficante não é causa, é fruto da violência maior de uma elite que manteve este país amordaçado ao longo de 21 anos de ditadura militar, ceifando ideais e utopias. Esses jovens que nasceram sob os anos de chumbo não tiveram a educação para a cidadania dos grêmios escolares e dos movimentos estudantis, das academias literárias e dos cine-clubes. Perdidos na noite, muitos buscaram a luz na maconha e a onipotência na cocaína. Se o tráfico de drogas é tão bem organizado não é por causa dos

assalariados que, quando perdem a cabeça, no máximo mergulham a cara na cachaça. É graças ao sofisticado mercado de consumo que paga bem pela droga.

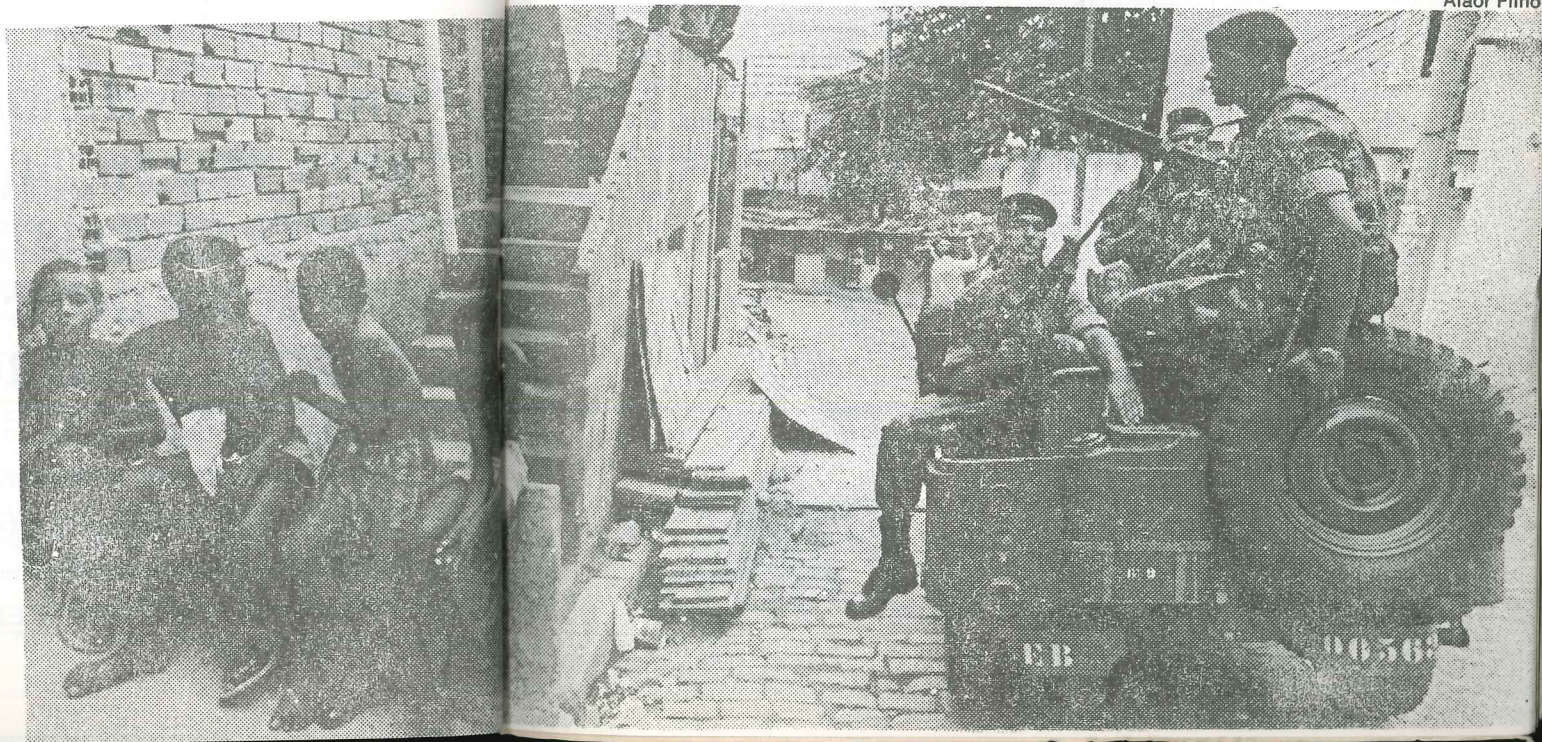
Na espiral da violência, o garoto "avião" que conduz a droga, a "mula" que cobre os pontos de venda, o traficante que dirige e não mora em favela — tem casa com piscina e telefone celular — são o resultado da despolítica do governo em relação aos direitos sociais. Tivesse a maioria do povo brasileiro terra para plantar, melhores salários e oportunidades de empregos, não haveria favelas nem traficantes. Houvesse escolas para todas as crianças, não haveria traficantes. Aplicasse o governo uma política social capaz de minorar o desemprego, veríamos a criminalidade reduzida. Contasse a nossa juventude com áreas de lazer, de esportes e de criatividade artística

ca e cultural, não teríamos tantos mortos-vivos destruídos pelo crack e outras drogas.

"E se a TV decidisse fazer o bem?", indagou um dia o jornalista Ricardo Gontijo. O que se pode esperar de crianças e jovens que passam anos diante da caixinha de mágicas eletrônicas, embotados pelo entretenimento consumista, pela publicidade hedonista, encharcados de filmes e programas que nada adicionam à formação de sua subjetividade e ao aprimoramento de sua cultura? Impelidos pelo buraco no peito, na falta de quem lhes indique o caminho do Absolut, eles buscam o absurdo, sustentando o narcotráfico.

Tomara que o novo governo faça sua intervenção geral na política brasileira, invertendo suas prioridades. Caso contrário, muitos jovens continuarão confusos quando alguém lhes falar de aspirações.

Alaor Filho



Livros

Os excluídos
do Reino

JESUS E OS EXCLUÍDOS DO REINO

Antônio Estêvão Allgayer



Antonio Estêvão Allgayer
Editora Vozes, 128 págs.

Este livro precioso surge de surpresa e vira leitura obrigatória para quem pretende seguir Jesus de Nazaré, ou seja, ser cristão hoje, neste país de tantos excluídos.

O autor apresenta com delicadeza e paixão as relações de Jesus com os excluídos e com os detentores dos poderes político e religioso do seu tempo. Desvenda as verdadeiras razões da perseguição, condenação e morte de Jesus.

Numa linguagem simples e acessível a todos, temos uma profunda cristologia que nos revela o projeto de Deus que Jesus anuncia como o seu Reino.

Antonio Allgayer é um dos grandes nomes do MFC. Foi Presidente do Condir-Sul e autor dos temários Nova Terra e Grão de Mostarda, muito usados pelas bases do MFC nos anos setenta.

Agora nos apresenta com esse fascinante relato sobre o nosso Deus que se fez homem e habitou entre nós. Recomendamos vivamente a sua leitura.

Guia de discurso...

Colaboração de Rogério Arcuri Filho

O Manual Universal do Discurso Político-Tecnocrático, a seguir apresentado, foi originalmente publicado pela "Zucle Warszawy" (Revista de Varsóvia), periódico do governo polonês, e se constitui num mecanismo que desmascara a prolixidade e falta de conteúdo da linguagem oficial.

A maneira de empregá-la é muito simples: inicia-se sempre o discurso pela 1ª casa da 1ª coluna, passando-se, a seguir, para qualquer outra casa da 2ª coluna, depois para a coluna III, depois para a coluna IV, voltando para qualquer outra casa da coluna I (com exceção da 1ª) e assim por diante, de coluna em coluna, sem importar a casa escolhida em cada coluna, mantendo-se apenas a ordem I, II, III e IV. São possíveis 10.000 combinações, para um discurso pomposo e totalmente inócuo de até 40 horas.



para uso de tecnocratas e políticos

I	II	III	IV
Senhores e Senhoras,	a execução das metas do programa	nos obriga à análise	das condições financeiras e administrativas exigidas.
Por outro lado,	a complexidade dos estudos efetuados	cumprir um papel essencial na formulação	das diretrizes de desenvolvimento para o futuro.
Assim mesmo,	a constante expansão de nossa atividade	exige a precisão e a definição	do sistema de participação geral.
No entanto, não podemos nos esquecer que	a estrutura atual da organização	auxilia a preparação e a composição	das posturas dos órgãos dirigentes com relação às suas atribuições.
Do mesmo modo,	o novo modelo estrutural aqui preconizado	garante a contribuição de um grupo importante na determinação	das novas proposições.
A prática cotidiana prova que	o desenvolvimento contínuo de distintas formas de atuação	assume importantes posições no estabelecimento	das direções preferenciais no sentido do progresso.
Nunca é demais lembrar o peso e o significado destes problemas, uma vez que	a constante divulgação de informações	facilita a criação	do sistema de formação de quadros que correspondem às necessidades.
As experiências acumuladas demonstram que	a consolidação das estruturas	obstaculiza a apreciação da importância	das condições inevitavelmente apropriadas.
Acima de tudo, é fundamental ressaltar que	a consulta aos diversos militantes	oferece uma interessante oportunidade para verificação	dos índices pretendidos.
O incentivo ao avanço tecnológico, assim como	o início da atividade geral de formação de atitudes	acarreta um processo de reformulação e modernização	das formas de ação.

David contra Golias

O enorme poder das grandes redes de TV e dos impérios jornalísticos que fazem a cabeça de nossa gente, começa a ser desafiado.

Um deputado federal corajoso, o médico Zaire Resende, apresentou um projeto de lei revolucionário que já está tramitando na Câmara, subscrito por muitos outros parlamentares de grande prestígio.

O projeto está sendo chamado de Lei da Informação Democrática e recebeu o nº 2735/92.

Para termos uma idéia do seu alcance, vão aqui alguns destaques:

Imprensa e Verdade. Não haverá nenhuma restrição à liberdade de informação jornalística e a verdade dos fatos poderá ser revelada em todos os casos.

Liberdade de Transmissão Municipal. Emissoras comunitárias de rádio e televisão, de alcance municipal, sem fins lucrativos, poderão ser instaladas por simples registro no cartório local.

Direito de Antena. Entidades e movimentos de caráter estadual ou nacional terão direito a horário gratuito no rádio e na televisão.

Fim do Monopólio e da Multimídia. Ninguém poderá controlar mais de 30% da comunicação social em um Estado ou no país. Ninguém poderá ter rádio, jornal ou revista, e televisão ao mesmo tempo.

Garantias Profissionais. Jornalistas, radialistas e artistas

poderão invocar a cláusula de consciência contra tarefas contrárias à ética profissional e ao interesse público. Jornalistas terão o direito de assinar suas matérias, de guardar o sigilo da fonte e a participar do Conselho Editorial.

Rádio e Tvê's Públicas. Cada município terá direito ao menos a uma emissora de rádio e outra de televisão a serviço da cultura, das artes, do jornalismo e da educação. Serão emissoras públicas (nem governamentais, nem privadas) administradas pela própria sociedade através de fundações.

Regionalização da Produção. Quarenta por cento da programação das emissoras de rádio e televisão serão ocupadas por produção local e regional.

Pluralidade de Versões. Os veículos informativos publicarão sempre os dois lados de toda questão, com as versões, simultâneas das partes envolvidas.

Cinema e Vídeo. As emissoras de televisão divulgarão, uma vez por semana, filmes e documentários nacionais, estimulando e apoiando a produção independente.

Privacidade e Direito de Resposta. A honra, a vida privada, a intimidade, a autoria intelectual e a imagem das pessoas não poderão ser violadas. O direito de resposta será amplo, seguro e rápido.

Peça o apoio do deputado em quem você votou.

Livros úteis para as atividades de preparação ao casamento



"O Assunto é Casamento"

226 págs.

8a. Edição

Manual para uso dos agentes de preparação ao casamento

- Ampla temática
- Sugestões Didáticas
- Orientações metodológicas
- Linguagem simples

"Amor e Casamento"

116 págs.

18a. Edição

Livro de consulta e leitura agradável para quem se casa.

- Temas mais importantes
- Ilustrações atraentes.



Edições MFC - Movimento Familiar Cristão

Pedidos à Livraria do MFC - Rua Espírito Santo 1059 / 1109

30160-031 Belo Horizonte - MG - Tel. (031) 222-5842.